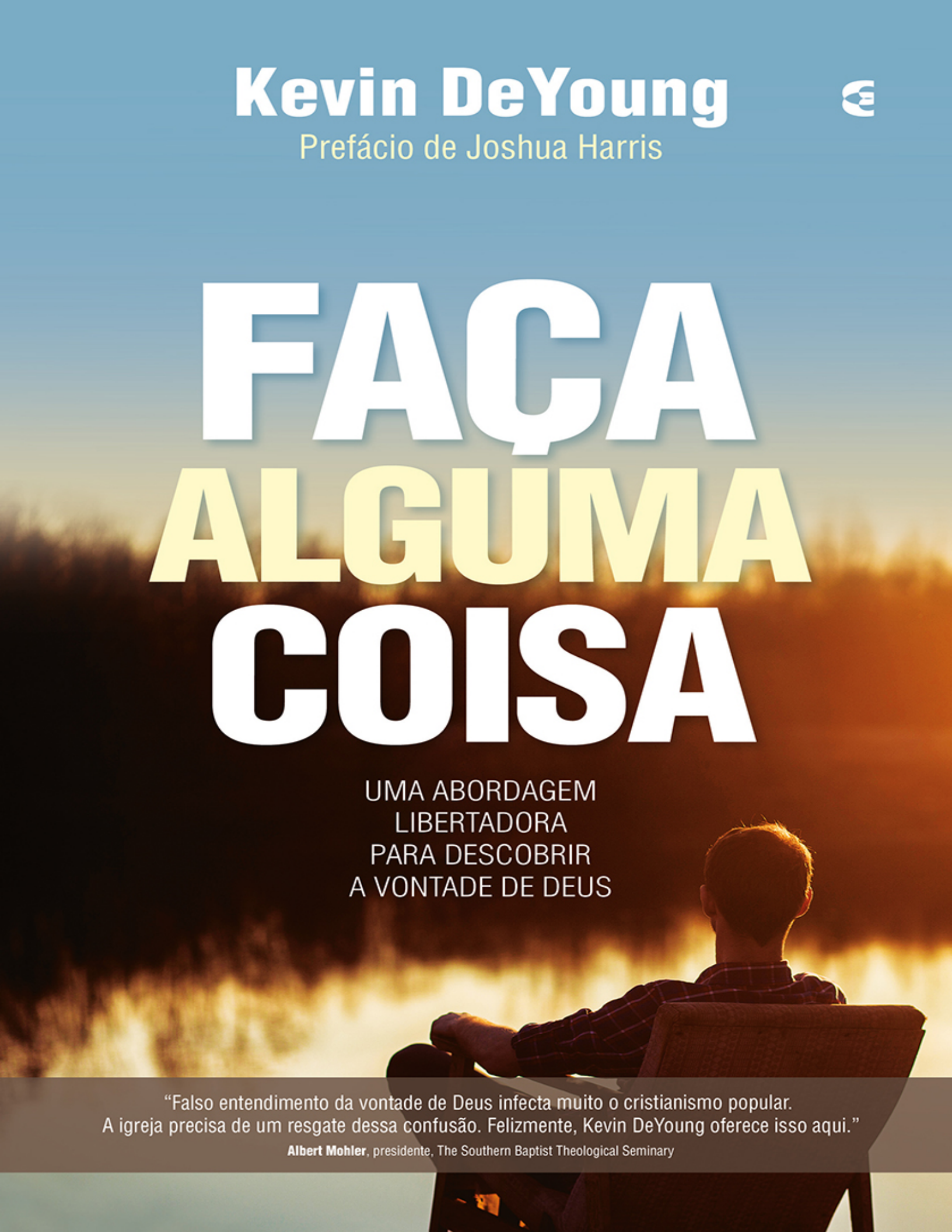
Kevin DeYoung

Prefácio de Joshua Harris

FAÇA ALGUMA COISA

UMA ABORDAGEM LIBERTADORA PARA DESCOBRIR A VONTADE DE DEUS



"Falso entendimento da vontade de Deus infecta muito o cristianismo popular. A igreja precisa de um resgate dessa confusão. Felizmente, Kevin DeYoung oferece isso aqui."

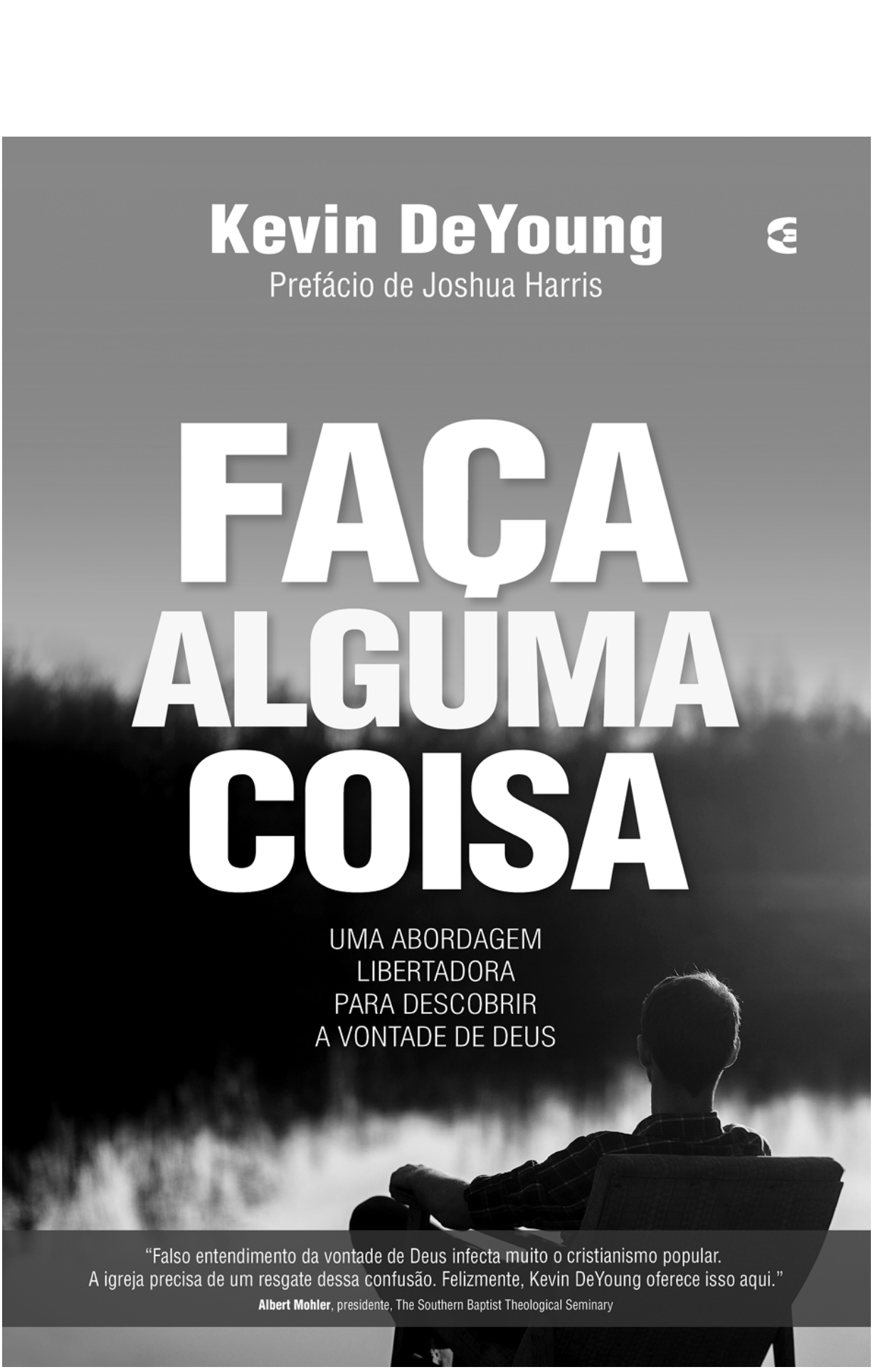
Albert Mohler, presidente, The Southern Baptist Theological Seminary

Kevin DeYoung

Prefácio de Joshua Harris

FAÇA ALGUMA COISA

UMA ABORDAGEM
LIBERTADORA
PARA DESCOBRIR
A VONTADE DE DEUS



"Falso entendimento da vontade de Deus infecta muito o cristianismo popular.
A igreja precisa de um resgate dessa confusão. Felizmente, Kevin DeYoung oferece isso aqui."

Albert Mohler, presidente, The Southern Baptist Theological Seminary



Faça alguma coisa de Kevin DeYoung © 2018 Editora Cultura Cristã. Este livro foi publicado originalmente no Estados Unidos pela Moody Publishers, 820 N. LaSalle Blvd., Chicago, IL 60610 com o título *Just Do Something*, copyright © 2009 by Kevin DeYoung. Traduzido com permissão.

Conselho Editorial
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Hermisten Maia Pereira da Costa
Joel Theodoro da Fonseca Jr
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho
Victor Alexandre Nascimento Ximenes

Produção Editorial
Tradução
Markus Hediger
Revisão
Filipe Delage
Carolina Curassá Rosa
Sandra Dantas Lima
Editoração e capa
OM Designers Gráficos
E-book
Felipe Marques

M379r Martin, Oren R.

Rumo a Canaã / Oren R. Martin; traduzido por Gabriel Lopes . _ São Paulo: Cultura Cristã, 2018

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-65-5989-007-1

Tradução Bound for the promise land

1. Teologia bíblica 2. Escatologia I. Título

CDU 27-278

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.





EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

Aos meus avôs trabalhadores,
tementes a Deus
e maravilhosamente holandeses
Peter DeYoung e
Menser Vanden Heuvel

Sumário

Prefácio

1. O longo caminho para lugar algum
2. A vontade de Deus em “cristianês”
3. Direcionalmente desafiados
4. Nosso Deus “bola de cristal”
5. Uma maneira melhor?
6. Orientação ordinária e surpresas sobrenaturais
7. Ferramentas do ofício
8. O caminho da sabedoria
9. Trabalho, casamento e a vontade de Deus
10. O fim da questão

Agradecimentos
Guia de estudos
Notas

Prefácio

É a vontade de Deus que você leia este livro. Sim, estou falando com você. Quais são as chances de você, "por acaso", pegar este livro e abri-lo nesta página e começar a ler? Obviamente, é um sinal. Entre todos os milhões de livros no mundo, você encontrou justamente este. *Uau*. Estou arrepiado. Não ignore este momento divinamente orquestrado. Se perder este momento, há uma chance real de você ignorar a vontade de Deus pelo resto de sua vida e passar seus dias em miséria e arrependimento.

Agora que o assustei, deixe-me admitir que tudo que eu disse no parágrafo acima é uma completa besteira. É mentira. Tudo falso. Na verdade, não sei se é a vontade de Deus que você leia este livro. Mas acredito que o ler pode ser uma ideia realmente muito boa.

Se você tende a imaginar a vontade de Deus do modo como a descrevi em tom tão ameaçador, este livro lhe ajudará a corrigir isso. Kevin DeYoung é um pastor hábil, teologicamente astuto e um comunicador claro. Ele transmite conteúdo sério, mas de uma maneira que é possível absorvê-lo e compreendê-lo com facilidade.

Em *Faça* alguma *coisa*, Kevin mostra o que nos impede de avançar em nossas decisões. Ele fala sobre como Deus se comunica conosco e sobre o que significa sermos guiados pela sabedoria. Ele o desafiará de modo meigo e amoroso.

Existe uma grande probabilidade de que você tenha absorvido alguns pensamentos errados sobre esse assunto. Adoro o jeito direto e franco com que Kevin nos arrasta de volta para a verdade: "Deus não é uma bola mágica que chacoalhamos e que consultamos sempre que precisamos tomar uma decisão. Ele é um bom Deus que nos deu um cérebro, que nos mostra o caminho da obediência e que nos convida a nos arriscarmos por ele."

Eu sou pastor. E o maior elogio que posso fazer sobre este livro é que este é o livro que, a partir de agora, eu consultarei sempre que tiver de tomar uma decisão e "descobrir a vontade de Deus". Se você estivesse em minha

igreja e me procurasse e dissesse: "Preciso tomar uma decisão importante (casamento, emprego, casa, etc.) e preciso saber o que Deus quer que eu faça", eu colocaria este livro em suas mãos.

É um livro libertador e encorajador, e, mesmo quando ele dá um soco em sua cabeça (o que ele faz de vez em quando), você se sentirá melhor depois do soco. Você conseguirá pensar de forma mais clara e mais bíblica.

Por isso, leia este livro. Você será mais sábio por causa dele.

Joshua Harris
Pastor sênior da Covenant Life Church e
autor de *Stop Dating the Church!*

Primeiro capítulo

O longo caminho para lugar algum

Eu cresci brincando com Tinkertoys. Como a maioria dos norte-americanos ao longo dos últimos cem anos, nossa família tinha o longo tubo cheio de varinhas, rodas de madeira e conectores coloridos. Lançado em 1913, Tinkertoy (agora distribuído pela Hasbro) vendeu mais ou menos 2,5 milhões de estojos de construção por ano durante quase cem anos. O ímpeto pelos conjuntos de construção da Tinkertoy – que, no início, eram vendidos por 60 centavos e eram chamados "Thousand Wonder Builders", um nome nada chamativo – veio de Charles Pajeau e Robert Petit, que inventaram o brinquedo observando crianças brincando com lápis, varinhas e pequenos carretéis de linha.

Passados quase cem anos, os conjuntos da Tinkertoy continuam modestos, especialmente numa era digital em que as crianças raramente vão a algum lugar sem os *microchips* de entretenimento à mão. As crianças gostam de Tinkertoys porque elas ainda gostam de brincar com as coisas.

E, aparentemente, os adultos também.

Em seu livro *After the Baby Boomers: How Twenty- and Thirty-Somethings are Shaping the Future of American Religion*, Robert Wuthnow descreve os adultos entre 21 e 45 anos de idade como gente que gosta de brincar com as coisas.[1] Nossos avós construíram. Nossos pais incrementaram. E a minha geração? Nós brincamos. É claro, como ressalta Wuthnow, brincar com as coisas nem sempre é ruim. Aqueles que brincam sabem improvisar, se especializar, desmontar coisas e reunir pessoas de mil lugares diferentes. Mas brincar significa também indecisão, contradição e instabilidade. Vemos crescer (de alguma forma) uma geração de jovens que brincam com doutrinas, que brincam com igrejas, que brincam com namoradas e

namorados, que brincam com os estudos, que brincam de morar na garagem dos pais e que brincam com práticas espirituais por mais irreconciliáveis ou divergentes que sejam.

Não somos consistentes. Não somos estáveis. Não perseveramos em nada. Não temos certeza se estamos tomando as decisões certas. Na maioria das vezes, nem conseguimos tomar uma decisão. E não insistimos. Tudo isso significa que nós, como jovens cristãos, somos menos frutíferos e menos fiéis do que deveríamos ser.

Reconheço que o jovem tende a vir com uma quantia considerável de juventude. E a juventude traz indecisão e instabilidade. Adultos jovens que brincam não se limitam a uma única geração. Os *baby boomers*, e provavelmente até mesmo os construtores (a geração que cresceu durante a Grande Depressão e que lutou na Segunda Guerra Mundial) também brincaram com Deus e com a vida quando eram jovens adultos. A diferença, porém, da minha geração, é que o início da idade adulta se estende cada vez mais. No passado, os 30 anos pareciam velhos e já muito longe da juventude, mas agora não é incomum ouvir que as pessoas amadurecem aos 40 anos de idade.

Veja a seguinte estatística: em 1960, 77% das mulheres e 65% dos homens completavam todas as transições importantes para a idade adulta antes dos 30 anos de idade. Essas transições incluem sair da casa paterna, terminar a escola, tornar-se financeiramente independente, casar-se e ter um filho. Em 2000, apenas 46% das mulheres e 31% dos homens completavam essas transições antes dos 30 anos.[2] Fico assustado quando imagino que menos de um terço dos homens de minha idade completaram a escola, saíram de casa, fundaram uma família com filhos e têm um emprego que paga suas contas. "Adultolescência" é a nova norma.

Bem, sei que existem muitas e boas razões para alguém continuar na escola após completar 30 anos de idade. Afinal de contas, adquirir vários diplomas de ensino superior exige tempo. E entendo que possam existir razões legítimas pelas quais um homem de 30 anos de idade precisa continuar morando na casa dos pais (p. ex., doenças, desemprego inesperado ou divórcio). No que diz respeito ao casamento, talvez você tenha o dom do celibato. E no que diz respeito à família, talvez você tenha tentado ter filhos, mas não conseguiu. Existem muitas razões para adiar a

idade adulta. Entendo isso. O mero fato de você já ter passado um quarto ou um terço de sua vida neste planeta sem ter completado "a transição" para a idade adulta não significa automaticamente que você é um vadio, um preguiçoso ou um vagabundo decadente.

Mas talvez signifique isso. É possível que sua "liberdade inédita de vagar, experimentar, aprender (ou não), se mudar e tentar de novo" não tenha deixado você mais sábio, mais culto ou mais maduro.[3] Talvez seu espírito livre precise de menos liberdade e mais fidelidade. Talvez sua idade adulta emergente deveria... sei lá, emergir.

Mas deixe-me ser bem claro: este não é um livro *apenas* para jovens. Não tentarei apresentar uma análise geracional dos meus contemporâneos de mais ou menos 30 anos de idade. Não estou publicando um novo manifesto para a geração X. Este livro é muito mais simples. Este livro fala sobre a vontade de Deus – a vontade de Deus para os adolescentes confusos, para os pais exaustos, para os avós aposentados e, sim, para os *millennials* que brincam... ou seja lá como devemos nos chamar.

Levantei todo esse assunto da adultolescência porque ele tem a ver com a questão espiritual da vontade de Deus. Neste livro, você encontrará alguns pontos típicos do cardápio da vontade de Deus – como tomar decisões sábias, como escolher um emprego, com quem casar-se, etc. Mas o objetivo deste livro não é, em primeira linha, responder a essas perguntas. Meu objetivo não é tanto lhe dizer como ouvir a voz de Deus na hora de tomar uma decisão, mas ajudar você a ouvir como Deus nos instrui a sair desse longo caminho que leva a lugar algum e a finalmente tomar uma decisão, arrumar um emprego e, talvez, casar.

A relutância que tantos de nós (especialmente os jovens) sentem ao tomar uma decisão e assentar-se na vida e, por isso, buscar com diligência a vontade de Deus tem, pelo menos, duas fontes. Em primeiro lugar, as novas gerações desfrutam – ou pelo menos acreditam desfrutar – uma "liberdade inédita". Nada está resolvido após o ensino médio ou após a faculdade. A vida está aberta e cheia de infinitas possibilidades, mas esse senso de oportunidade traz confusão, ansiedade e indecisão. *Diante de tudo que eu poderia fazer e de todos os lugares para onde eu poderia ir, como posso saber o que fazer?* Entra em cena uma paixão para discernir "a vontade de Deus

para a minha vida". Essa é uma das razões principais pelas quais sempre existe um mercado para livros sobre a vontade de Deus.

Em segundo lugar, nossa busca pela vontade de Deus se tornou cúmplice no adiamento do nosso crescimento, uma saída conveniente para o cristão jovem (ou velho) que se deixa levar pela vida sem direção ou propósito. Muitos de nós têm desculpado nossa instabilidade, inconsistência e interminável autoexploração como uma "busca pela vontade de Deus", como se a nossa indecisão e os nossos passeios sem rumo pela vida fossem distintivos de uma sensibilidade espiritual.

Em decorrência disso, somos pessoas cheias de passividade e vazias de persistência. Estamos brincando com tudo e com todos, em vez de – já que se trata do nosso futuro – assumir alguma responsabilidade, tomar uma decisão e fazer alguma coisa.

Segundo capítulo

A vontade de Deus em "cristianês"

Se Deus tem um plano maravilhoso para a minha vida, como promete o panfleto evangelístico, por que ele não me revela esse plano?

Afinal de contas, nossas vidas são um caos confuso de ajustes e inícios, de becos sem saída e portas abertas, de possibilidades e ideais concorrentes. Há tantas decisões a serem feitas, e nenhuma das respostas parece clara. Que devo fazer nestas férias? Que devo estudar? Que tipo de carreira eu quero? Quero uma carreira? Devo me casar? Casar-me com quem? Quero filhos? Quantos filhos? Devo praticar esportes ou cantar no coro? Que faculdade devo escolher? Devo fazer uma pós-graduação? Que emprego devo procurar? Devo ficar no meu emprego atual? Devo ser missionário? Devo ser pastor? Devo me voluntariar aqui ou lá? Devo sair de casa e sondar os mares em outro lugar? É esta a hora para comprar uma casa?

Alguns enfrentam perguntas sérias relacionadas a dinheiro, relacionamento ou até mesmo aposentadoria. Como devo gastar meu dinheiro? A quem devo doar meu dinheiro? Que igreja devo frequentar? Como devo servir à minha igreja? O que devo fazer com o resto da minha vida, e onde e com quem eu devo fazê-lo? Quando devo me aposentar? Que devo fazer na minha aposentadoria?

Com tantas perguntas a enfrentar nos próximos anos – ou, às vezes, nas próximas semanas – não surpreende que tantos de nós procuram desesperadamente descobrir a vontade de Deus para a nossa vida. O que me leva de volta para uma reformulação da pergunta no início deste capítulo: se Deus tem um plano maravilhoso para a minha vida, como posso descobri-lo?

Muitos livros foram escritos na tentativa de responder a essa pergunta básica, e minha resposta pode não ser o que você espera encontrar num

livro sobre a vontade de Deus. Para mim, a minha resposta não é original, mas bem simples e, assim espero, bastante bíblica. Gostaria que você contemplasse a possibilidade de que, talvez, nós tenhamos dificuldades de descobrir o plano maravilhoso de Deus para nós porque, para dizer a verdade, talvez ele não queira revelá-lo a nós. E talvez nós estejamos errados esperando que ele o faça.

Você já está confuso?

"A vontade de Deus" é uma das expressões mais desnorteantes do vocabulário cristão. Às vezes, dizemos que tudo acontece segundo a vontade de Deus. Outras vezes, falamos sobre ser obedientes e fazer a vontade de Deus. Ainda outras vezes, falamos sobre descobrir a vontade de Deus. A confusão se deve ao nosso uso da expressão "a vontade de Deus" de, no mínimo, três maneiras diferentes nas três situações acima mencionadas. Duas dessas maneiras são claramente demonstradas pelas Escrituras; a terceira é um pouco mais complicada. Portanto, começaremos com as duas primeiras.

Deus sempre realiza a sua vontade

Se examinarmos a Bíblia, veremos que a vontade de Deus apresenta dois lados. O primeiro lado é a *vontade do decreto* de Deus. Isso se refere àquilo que Deus ordenou. Tudo que acontece ocorre segundo o decreto soberano de Deus. E tudo que ele decreta acontecerá em algum momento. A vontade do decreto de Deus não pode ser impedida. É imutável e fixa. Deus é soberano sobre todas as coisas – natureza e nações, animais e anjos, espíritos e Satanás, pessoas maravilhosas e pessoas depravadas, até mesmo doença e morte. Para emprestar uma palavra de Agostinho: "A vontade de Deus é a necessidade de todas as coisas." Em outras palavras: o que Deus deseja acontecerá, e o que acontece é segundo a vontade de Deus. É isso que quero dizer quando falo da vontade do decreto de Deus.

A vontade do decreto de Deus é ensinada em numerosas passagens das Escrituras:

> *Efésios 1.11*: "Nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua

vontade."

Deus opera tudo – o todo, os pequenos detalhes e tudo entre esses dois extremos – segundo seus próprios propósitos bons e soberanos.

> *Mateus 10.29-30*: "Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados."

Deus administra nossa vida em todos os pormenores. Ele não planeja apenas alguns dos grandes itens importantes. Louvado seja o Senhor, pois ele conhece o menor dos pardais e o mais grisalho dos cabelos. E nenhum dos dois cai ao chão sem que o nosso Pai celestial o deseje.

> *Atos 4.27-28*: "porque verdadeiramente se ajuntaram nesta cidade contra o teu santo Servo Jesus, ao qual ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com gentios e gente de Israel, para fazerem tudo o que a tua mão e o teu propósito predeterminaram".

Cada ai e cada lamento humano precisa olhar para a cruz. Pois é lá que o problema do mal é "respondido" – não em algum sentido teórico –, mas apontando-nos para um Deus todo-poderoso que opera tudo para o bem. Por mais chocante que pareça, o ato mais abominável de mal e injustiça jamais cometido na Terra – o assassinato do Filho de Deus – ocorreu segundo a vontade graciosa e predeterminada de Deus.

> *Salmos 139.16*: "Os teus olhos me viram a substância ainda informe, e no teu livro foram escritos todos os meus dias, cada um deles escrito e determinado, quando nem um deles havia ainda."

Nossas vidas se desdobram, abrem e fecham segundo a providência de Deus. Como os redatores do Catecismo de Heidelberg o expressaram de forma tão eloquente já no século 16: "A providência de Deus é o seu onipotente e onipresente poder, por meio do qual, com as suas mãos, ele sustenta continuamente o céu e a terra e todas as criaturas, governando-os de tal modo que ervas e plantas, chuva e seca, abundância e escassez, comida e bebida, saúde e doença, riqueza e pobreza, todas as coisas, na verdade, não nos vêm por acaso, mas procedem da sua mão paternal."[1]

Isaías 46.9-10: "(...) eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade".

Deus conhece todas as coisas e soberanamente as supervisiona. A vontade de decreto de Deus é absoluta. Ela existiu já antes da criação do mundo. É a determinação última sobre todas as coisas e não pode ser derrubada.

Deus aponta o caminho

O outro lado da moeda é a *vontade do desejo* de Deus. Isso se refere ao que Deus ordenou – àquilo que ele quer de suas criaturas. Se a vontade do decreto se refere a como as coisas são, a vontade do desejo se refere a como as coisas deveriam ser. Percebo que não estou lidando com a pergunta enorme de como Deus pode decretar que tudo aconteça e, ao mesmo tempo, nos responsabilizar por nossos atos. Essa é a velha pergunta sobre a soberania divina e a responsabilidade humana. A Bíblia claramente afirma ambas. Por exemplo: Deus enviou a Babilônia para punir Judá, mas Deus também puniu a Babilônia por agir maldosamente contra o povo de Deus (Jr 25). Semelhantemente, Deus planejou a morte de seu Filho, mesmo assim, aqueles que mataram Cristo foram chamados homens sem lei (At 2.23). Acredito que existam categorias teológicas que podem nos ajudar a reconciliar a soberania divina com a responsabilidade humana, mas aprofundar-nos nessas ideias nos levaria bem além do alcance deste livro sucinto. Estou simplesmente observando que Deus é soberano, mas que ele não é o autor do pecado. Nós estamos sob sua soberania, mas não estamos livres da responsabilidade por nossos atos.

Ambos os lados da vontade de Deus se encontram nas Escrituras. A vontade do decreto de Deus – aquilo que ele predeterminou desde toda a eternidade – não pode ser impedida. A vontade do desejo de Deus – a forma como ele quer que vivamos – pode ser ignorada.

Deixe-me destacar algumas poucas passagens que falam da vontade de Deus como vontade do seu desejo:

> *1João 2.15-17*: "Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele; porque tudo que há no mundo, a concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da

> vida, não procede do Pai, mas procede do mundo. Ora, o mundo passa, bem como a sua concupiscência; aquele, porém, que faz a vontade de Deus permanece eternamente."

Nessa passagem, a vontade de Deus não se refere a como Deus ordena as coisas, mas a como Deus exige que vivamos. Andar na vontade de Deus significa, para o apóstolo João, o oposto do caminho mundano. Fazer a vontade de Deus significa dizer não aos desejos da carne, aos desejos dos olhos e ao nosso orgulho dos bens.

> *Hebreus 13.20-21*: "Ora, o Deus da paz, que tornou a trazer dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o grande Pastor das ovelhas, pelo sangue da eterna aliança, vos aperfeiçoe em todo o bem, para cumprirdes a sua vontade, operando em vós o que é agradável diante dele, por Jesus Cristo, a quem seja a glória para todo o sempre. Amém!"

A vontade de Deus, como vontade do seu desejo, significa que nós fazemos o que agrada aos seus olhos.

> *Mateus 7.21*: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus."

Novamente, vemos que a vontade de Deus é sinônimo de obediência aos mandamentos de Deus e de andar em seu caminho – dessa vez, dos lábios do próprio Cristo.

> *Deuteronômio 29.29*: "As coisas encobertas pertencem ao SENHOR, nosso Deus, porém as reveladas nos pertencem, a nós e a nossos filhos, para sempre, para que cumpramos todas as palavras desta lei."

Aqui encontramos a vontade do decreto e a vontade do desejo lado a lado no mesmo versículo. Deus tem segredos que só ele conhece (seus propósitos inescrutáveis e sua vontade soberana), mas ele também revelou coisas que devemos saber e obedecer (seus mandamentos e sua Palavra).

Deus tem um plano específico para sua vida?

Existe uma terceira maneira como, às vezes, falamos sobre a vontade de Deus. Na maioria das vezes, o que realmente procuramos é a *vontade da*

direção de Deus.

Nós ouvimos isso naquelas perguntas que fizemos no início deste capítulo: o que Deus quer que eu faça com minha vida? Que emprego devo procurar? Onde devo morar? Essas são as perguntas que fazemos quando procuramos a vontade da direção de Deus. Queremos saber seu plano individual e específico para quem, que, onde, quando e como em nossa vida. Queremos conhecer sua direção.

Esta então é a essência da questão: Deus tem uma vontade secreta de sua direção que ele quer que descubramos antes de fazermos qualquer coisa? E a resposta é não. Sim, Deus tem um plano específico para a nossa vida. E sim, podemos ter certeza de que ele opera todas as coisas para o nosso bem em Cristo Jesus. E sim, quando olhamos para trás, muitas vezes, conseguimos reconhecer a mão de Deus que nos trouxe para onde nos encontramos agora. Mas ao mesmo tempo em que temos a liberdade de pedir sabedoria a Deus, ele não nos impõe o fardo de adivinhar sua vontade de direção para a nossa vida com antecedência.

A segunda parte da última oração é crucial. Deus tem um plano específico para a nossa vida, *mas* ele não espera que o descubramos antes de tomarmos uma decisão. Não estou dizendo que Deus não lhe ajudará a tomar uma decisão (chama-se sabedoria, e falaremos sobre isso no oitavo capítulo). Não estou dizendo que Deus não se importa com seu futuro. Não estou dizendo que Deus não está guiando seu caminho nem no controle em meio ao caos da sua vida. Acredito em providência com todo o meu coração. O que estou dizendo é que devemos parar de imaginar a vontade de Deus como um labirinto, ou como uma corda bamba, ou como o centro do alvo, ou como um romance em que você escolhe sua própria aventura.

Quando eu era garoto, eu adorava ler histórias do tipo "escolha sua própria aventura". Você chegava a um ponto de virada na história e, se quisesse fugir do país, você pulava para a página 23; se quisesse se esconder numa caverna, pulava para a página 36. E, opa, você descobria que a caverna se encontrava num vulcão e você morria. Fez a escolha errada. Livros divertidos para garotos, mas não muito divertidos se for assim que a vontade de Deus funciona. Muitos de nós temem escolher o emprego errado, ou comprar a casa errada, ou escolher a faculdade errada, ou casar com a pessoa errada, e de repente nossa vida explode. Fora da vontade de Deus, nosso destino será um fracasso espiritual, relacional e físico. Ou, para

dizê-lo em "cristianês", de repente nos encontramos fora "do centro da vontade de Deus". Perdemos o melhor que Deus tem para nós e nos contentamos com um final alternativo para a nossa vida.

Vários anos atrás, eu li *The Will of God as a Way of Life*, de Gerald Sittser. Seu livro me ajudou a cristalizar minha compreensão daquilo que eu achava estar errado com a compreensão tradicional da vontade de Deus. Aqui está a explicação de Sittser sobre a maneira comum, mas errada, de buscar a vontade de Deus.

> A compreensão tradicional da vontade de Deus a define como uma trilha específica que devemos seguir em nosso futuro. Deus conhece essa trilha, e ele a desbravou para nós para que a sigamos. Nossa responsabilidade é descobrir essa trilha – o plano de Deus para a nossa vida. Precisamos descobrir qual das muitas trilhas devemos seguir, aquela que Deus planejou para nós. Se fizermos a escolha certa, receberemos seu favor, cumpriremos nosso destino divino e seremos bem-sucedidos na vida (...) Se escolhermos corretamente, experimentaremos sua bênção e teremos sucesso e alegria. Se escolhermos a trilha errada, podemos nos perder, não reconhecer a vontade de Deus para a nossa vida e permanecer perdidos para sempre num labirinto incompreensível.[2]

Essa compreensão convencional é a maneira errada de imaginar a vontade de Deus. Na verdade, esperar que Deus revele alguma vontade de direção secreta é um convite para a decepção e a indecisão. Confiar na vontade do decreto de Deus é bom. Seguir a vontade de seu desejo significa ser obediente. Apostar na vontade da direção de Deus é um caos. É ruim para sua vida, prejudica sua santificação e permite que muitos cristãos sejam pessoas passivas que, curiosamente, se sentem mais espirituais quanto menos realmente fazem.

Deus não é uma bola de cristal que consultamos sempre que precisamos tomar uma decisão. Ele é um bom Deus que nos deu um cérebro, que nos mostra o caminho da obediência e que nos convida a assumir riscos por ele. Sabemos que Deus tem um plano para a nossa vida. Isso é maravilhoso. O problema é que achamos que ele nos revelará seu plano maravilhoso antes de seu desdobramento. Achamos que podemos saber – e que precisamos saber – o que Deus quer a cada passo do nosso caminho. Mas essa preocupação com a vontade de Deus, por mais bem-intencionada que possa ser, é mais tolice do que liberdade.

A melhor maneira é a bíblica: procure primeiro o reino de Deus e então confie que ele cuidará das nossas necessidades, mesmo antes de sabermos quais são e para onde estamos indo.

Terceiro capítulo

Direcionalmente desafiados

Por que tantos cristãos tanto se desesperam em tentar descobrir o plano de Deus para sua vida? Por que os editores ainda estão dispostos a publicar livros sobre a vontade de Deus (como este!) apesar de já existirem zilhões desse tipo no mercado? Por que milhões de cristãos gastam tanto tempo e energia esperando pela revelação da vontade de Deus? E por que nos inquietamos tanto com a vontade de Deus como se fosse uma ogiva nuclear apontada para nossa felicidade futura?

Quero sugerir cinco razões.

Queremos agradar a Deus

Ao longo dos anos, conversei com muitos cristãos honestos que sinceramente querem saber: "Encontro-me no lugar onde devo estar? É isso que eu deveria estar fazendo?". Esses homens e essas mulheres amam o Senhor. Não estão tentando se fazer de difíceis. Eles acreditam que Deus lhes escolheu um caminho e não querem perdê-lo nem decepcioná-lo. Se o Senhor acha que devemos nos mudar para o sul, não queremos acabar indo para o norte. Se ele quer que nos formemos em engenharia química, não queremos estudar literatura russa. Se ele quer nos ver no campo missionário, não queremos acabar em algum bairro.

Esta é a primeira razão pela qual tentamos descobrir a vontade da direção específica de Deus para nós: queremos agradar a ele. Queremos fazer o que Deus quer. Isso é bom. Mas como já expliquei e explicarei em maior detalhe nos próximos capítulos, não é assim que a vontade de Deus funciona. Podemos ter a melhor das intenções tentando discernir a vontade de Deus, mas realmente devemos parar de submeter-nos à miséria de espiritualizar cada decisão. Nossa piedade desviada torna o caminho de Deus mais misterioso do que pretende ser.

Alguns de nós são tímidos

A segunda razão pela qual alguns de nós tentam descobrir a vontade da direção de Deus é porque, por natureza, somos bastante tímidos. Os tipos empreendedores e realizadores podem estar menos inclinados a se preocupar com a vontade de Deus do que os tipos cautelosos. Alguns cristãos precisam ser encorajados a pensar antes de agir. Outros precisam ser encorajados a agir após terem pensado.

Conheço cristãos impetuosos, mas, na minha experiência pessoal, tenho visto mais cristãos paralisados pela indecisão e inatividade. Eles se recusam a tomar uma decisão se não conhecerem todos os fatos e uma certeza quase completa de que tudo terminará bem. Desistiram de jogar futebol na infância porque poderiam não ser os melhores. Eles preferiram não se esforçar na escola e ter notas baixas a tentar e não corresponder às expectativas. Talvez Paulo tenha pensado nesse tipo de cristãos quando instruiu os tessalonicenses: "(...) consoleis os desanimados, ampareis os fracos e sejais longânimos para com todos" (1Ts 5.14).[1]

Alguns cristãos têm as melhores das intenções quando tentam descobrir a vontade de Deus. Mas são cautelosos demais e um pouco medrosos. Esses cristãos precisam ser admoestados, mas merecem também nossa ajuda e paciência.

Queremos uma realização perfeita

A terceira razão pela qual tentamos descobrir a vontade da direção de Deus é que estamos buscando a realização perfeita na vida. Alguns de nós tiveram tanta sorte que começaram a buscar o céu na terra. Perdemos qualquer tipo de postura de peregrinos. É tudo uma questão de perspectiva. Se você acha que Deus prometeu que este mundo seria um hotel cinco estrelas, você se sentirá miserável ao enfrentar as lutas normais da vida. Mas se você se lembrar de que Deus prometeu que seríamos peregrinos e que este mundo se pareceria mais com um deserto ou até mesmo com uma prisão, você pode chegar à conclusão de que sua vida é surpreendentemente feliz.

Fé em Jesus não garante que tudo acontecerá como queremos. Dê uma olhada em Hebreus 11, o capítulo que, às vezes, é chamado de rol da fama da fé. Basta contemplar os primeiros três exemplos nesse capítulo. Como observou o comentarista bíblico Bruce Waltke, Abel teve fé e morreu;

Enoque teve fé e ele não morreu; Noé teve fé e todos os outros morreram![2] Ter fé, portanto, não garante que sua vida – ou as vidas das pessoas em sua volta – será doce igual a um pirulito. Nem sempre a vida é divertida, e não devemos esperar que ela seja.

Parte disso é coisa da nossa geração. Afinal de contas, meus colegas e eu estivemos entre os primeiros a experimentar a inflação das notas, quando recebíamos nota 10 por escavar nossos sentimentos e "dar nosso melhor" nas aulas de cálculo. Estivemos entre os primeiros que foram programados para ter autoestima, quando aprendemos que o fato de termos um pulso fazia de nós algo maravilhosamente especial. Desde que temos memória, fomos destinados a ser superestrelas. Alguns de nós foram preparados para uma educação de elite quando ainda usavam fraldas, e fazíamos parte do time de futebol mesmo antes de sabermos que não podíamos tocar a bola com as mãos. Recebemos banhos de elogio por coisas medíocres, e nossas fraquezas foram curadas com um jargão complicado e psicologia popular.

Não surpreende, portanto, que esperamos que as pessoas nos elogiem por tudo, nos critiquem por nada e nos paguem por qualquer coisa que queiramos fazer. Acreditamos que deveríamos encontrar um emprego maravilhoso assim que saíssemos da faculdade, num local maravilhoso que nos oferecesse o mesmo padrão de vida que nossos pais têm agora e que nos envolvêssemos nos problemas mundiais de tal modo que até Bono se orgulharia de nós. Queremos tudo – e tudo de que precisamos é que Deus nos indique o caminho.

Ao todo, a geração dos meus avós esperava muito menos da vida familiar, da carreira, do tempo livre e do casamento. Reconheço que, às vezes, isso impedia que refletissem sobre a vida e que tacitamente permitissem casamentos deploráveis. Mas a minha geração caiu no outro extremo. Quando casamos, esperamos sexo maravilhoso, uma vida familiar maravilhosa, aventuras no tempo livre, experiências culturais e satisfação pessoal no emprego. Seria um bom exercício perguntar aos nossos avós se eles se sentiam realizados em seus empregos. Provavelmente, olharão para você como se você estivesse falando uma língua estranha, e é exatamente o que você está fazendo. Realização própria não era seu objetivo. Seu objetivo era comida e também fidelidade. A maioria das pessoas mais idosas diria

algo como: “Nunca pensei em me realizar. Eu tinha um emprego. Eu comia. Eu vivia. Criei minha família. Fui à igreja. Eu era grato.”

Recentemente, conversei com o avô DeYoung, um homem que foi cristão durante toda a sua vida e que agora já passou dos 80 anos de idade. Perguntei se ele, alguma vez, se perguntou qual era a vontade de Deus para a sua vida. “Creio que não”, foi sua resposta sucinta. “A vontade de Deus nunca foi uma pergunta com a qual fui confrontado ou sobre a qual jamais tivesse refletido. Sempre senti que a minha salvação (...) dependia de eu aceitar pela fé as coisas em que cremos. Depois disso, acho que nunca tive um problema pensando: ‘É essa a coisa certa que devo fazer?’”

Quanto mais meu avô e eu conversávamos, mais me dei conta de que a vontade de Deus, para além de obedecer à sua moral, era um conceito com o qual ele não estava familiarizado. “Você simplesmente... faz as coisas” parecia ser o sentimento do meu avô, e, ao fazê-las e ao caminhar com o Senhor, você não gasta horas e horas tentando descobrir se você gosta daquilo que está fazendo. Imagino que, ao se manter ocupado e trabalhar durante a vida toda, você não tem tempo para se perguntar se está se realizando.

Não estou tentando destruir todos os seus sonhos e esperanças – sério. Sou totalmente a favor de grandes sonhos arriscados (como você lerá em breve). Não sou contra as pessoas que largam seus empregos infelizes para tentar algo que elas realmente amem. Mas, como contrapeso às palestras de formatura do tipo “realize os seus sonhos”, precisamos nos lembrar de que muitos de nós esperam demais dessa vida. Acreditamos todos que viveremos o céu na terra, e então ficamos decepcionados quando a terra parece ser tão terrena. Pouco resta do nosso desejo pela recompensa na próxima vida porque esperamos tal recompensa nesta vida. E quando *toda* experiência *precisa* ser recompensadora e *precisa* significar um avanço em nosso caminho para a realização completa, de repente as decisões sobre onde devemos viver, que casa devemos comprar, em que cama dormimos ou se devemos vestir um terno ou um *jeans* se tornam pesadas. Damos importância excessiva a cada decisão. Tenho certeza de que todos nós nos sentiríamos mais realizados se não tivéssemos essa fixação em realização própria.

Temos escolhas demais

Das cinco razões da nossa obsessão de descobrir a vontade de Deus, essa deve ser a mais crucial: *temos escolhas demais*. Tenho certeza de que gerações anteriores não lutaram como nós tentando descobrir a vontade de Deus porque elas não tinham tantas escolhas. Em vários sentidos, a nossa preocupação com a vontade de Deus é um fenômeno das classes médias ocidentais que surgiu nos últimos 50 anos. Pessoas que precisam sobreviver com um dólar por dia simplesmente não precisam tomar tantas decisões. Nossos avós também não, muito menos ainda os avós deles. Um século atrás, você vivia na cidade em que nasceu. Você fazia o que seus pais faziam, provavelmente trabalhando numa fazenda se fosse homem ou criando filhos (e trabalhando na fazenda) se fosse mulher. Muitas pessoas idosas com as quais conversei começaram a trabalhar quando eram adolescentes, e faziam tudo que podiam encontrar de trabalho. Trabalhavam para seu tio ou pai ou ajudavam na colheita ou em qualquer trabalho que pudessem encontrar na cidade. Ironicamente, conseguiam fazer mais porque não havia muito que pudessem fazer.

Imagino que as escolhas eram muito mais fáceis também em outras áreas. Um século atrás, você se casava com uma de uma dúzia de pessoas possíveis na cidade. Até mesmo o povo mais rico estava preso ao local (por causa da dificuldade de viajar) e à tradição (por causa dos valores culturais e da herança familiar) de uma maneira que limitava significativamente as suas escolhas. Normalmente, os jovens tinham um senso de obrigação em relação à família, à cidadania e à igreja. Mas hoje poucos conseguem imaginar-se limitando voluntariamente sua independência e suas opções por algo tão antiquado quanto obrigação.

O resultado é um fluxo incessante de oportunidades. Hoje, podemos ir à escola em qualquer lugar, nos formar em centenas de matérias, viver praticamente em qualquer lugar do mundo, ter a oportunidade de conhecer pessoalmente milhares de jovens solteiros e milhões de outros pela internet. Podemos escolher entre dezenas de lojas, dezenas de restaurantes, centenas de carreiras e milhões de opções.

Em *The Paradox of Choice* (O paradoxo da escolha), Barry Schwartz narra uma visita ao supermercado local, de tamanho moderado. Encontrou 285 variedades de biscoitos, 13 bebidas isotônicas, 65 sucos em caixas, 85 sucos

infantis, 75 chás gelados, 95 tipos de batatinhas e salgadinhos, 15 tipos de água mineral, 80 analgésicos diferentes, 40 opções de pasta de dente, 150 batons, 360 tipos de xampu, 90 remédios contra resfriados, 230 sopas, 75 molhos prontos, 275 variedades de cereais, 64 tipos de molho *barbecue* e 22 tipos de *waffles* congelados.[3] Qualquer um que já tenha feito compras na América do Norte sabe que essa lista é apenas uma fração de todas as opções que encontramos em cada corredor. É por isso que costumamos ser fiéis a um tipo específico de cereais, ou marca, ou comida, porque simplesmente não temos tempo ou energia para fazer escolhas novas sempre que nos aventuramos em um Walmart ou Safeway. E é também por isso que minha esposa me dá uma lista muito detalhada no evento infeliz em que eu sou responsável pelas compras em determinada semana. Se ela me instrui a comprar comida de bebê sem instruções adicionais, é possível que eu volte com qualquer coisa, desde ervilhas liquefeitas até cereais solúveis com gosto de cereja. Preciso de instruções específicas, pois existem muitas possibilidades de eu errar.

Em alguns países, as pessoas sofrem porque não têm escolhas. Nos Estados Unidos, temos demais. Lembro como um missionário da Turquia me disse que um dos aspectos mais difíceis de estar de volta aos Estados Unidos era toda essa variedade de molhos de salada. "Apenas pegue um molho", ele disse, enquanto estávamos num restaurante almoçando. "Não me obrigue a escolher entre sete azeites diferentes." Suspeito que a maior parte da nossa obsessão de descobrir a vontade de Deus se deve ao fato de nos sentirmos sobrecarregados com as escolhas que temos. Acreditamos que ter opções nos deixa felizes, mas chega um momento (e a maioria de nós já passou dele) em que nos sentiríamos bem melhores com menos escolhas.

As observações do professor Schwartz sobre estudantes de faculdade são reveladoras e, a julgar pelas minhas experiências pessoais, certeiras. Ele observa que seus alunos têm interesses e capacidades múltiplas. Eles têm toneladas de talentos e oportunidades. O mundo está todo aberto a eles. Mas, em vez de se deleitarem com essa liberdade, a maioria se sente angustiada. São obrigados a navegar entre interesses concorrentes: fazer dinheiro ou fazer a diferença, desafiar suas mentes ou canalizar sua criatividade, focar numa carreira ou reservar tempo para a família,

estabelecer-se ou viajar pelo exterior durante um tempo, iniciar uma carreira ou tentar outro estágio, viver numa cidade agitada ou descansar numa cidade rural, procurar emprego ou buscar outra formação.

Se você é estudante de faculdade, as escolhas são esmagadoras. E, com os amigos e parentes muitas vezes espalhados por todo o país ou até mesmo pelo mundo inteiro, você tem menos obrigações e relacionamentos íntimos que possam limitar sua liberdade e nada que possa ancorá-lo numa tradição ou localidade vocacional. Acrescente a isso a capacidade de viajar com facilidade e de trabalhar em muitos empregos por meio do computador em qualquer lugar do mundo, e o resultado é uma enorme falta de raízes e uma explosão de escolhas. Tudo é possível.

Schwartz faz um resumo certeiro:

> Aprendemos rapidamente que "o que você fará quando se formar?" não é uma pergunta que os alunos gostam de ouvir, muito menos responder. É difícil evitar a conclusão de que meus estudantes estariam melhores com um pouquinho menos de talento ou com um pouquinho mais de um senso de que eles devem às suas famílias assentar-se em sua cidade natal, ou até mesmo com uma dose de necessidade da era da Depressão – aceite o emprego seguro e toque sua vida! Menos opções e mais restrições eliminariam muitas trocas e haveria menos dúvidas, menos necessidade de justificar uma decisão, mais satisfação e menos questionamentos de decisões feitas no passado.[4]

A análise de Schwartz acerta na mosca. Tenho certeza de que algumas pessoas servem bem ao Senhor enquanto dão a volta ao mundo em seis meses seguidos. E tenho certeza de que um bando de jovens está fazendo uma diferença para Cristo enquanto fica mudando de emprego e lugar. Mas tenho certeza também que muitos desses mesmos indivíduos estão, na verdade, tomando decisões centradas em si mesmos em nome de experiência, diversidade cultural e, às vezes – e eu odeio ter que dizer isso –, sob a máscara de missões de curto prazo. Como pastor de uma igreja universitária, entendo que as pessoas vão e vêm para os nossos cultos o tempo todo. Isso faz parte da vida com graduandos e pós-graduandos. Gosto do alvoroço causado pelas pessoas novas que chegam a cada ano. Mas, se ninguém se assentasse e se ninguém ficasse durante algum tempo, sem falar durante uma vida inteira, não poderíamos ministrar aos alunos da forma como o fazemos. A igreja precisa de pessoas que permaneçam fiéis a

ela durante toda uma vida e de pessoas com quem possamos contar em longo prazo.

Meu medo é que, diante de todas as escolhas que as pessoas enfrentam hoje em dia, a escolha que raramente cogitem seja: "Como posso servir de modo mais eficiente e frutífero na igreja local?". Pergunto-me se a abundância de oportunidades que podemos explorar hoje em dia está fazendo menos para produzir discípulos bem formados e mais para ajudar ao cristão a evitar uma responsabilidade de longo prazo e a ter um impacto de longo prazo menor.

Diante de tantas escolhas, não surpreende que estejamos sempre pensando na grama mais verde do outro lado da cerca. Estamos sempre imaginando o que poderia ser melhor ou mais legal em relação a algo ou alguém novo. A palavra "decidir" provém do termo latino *decidere*, que significa "cortar", o que explica por que as decisões são tão difíceis hoje em dia. Não suportamos a ideia de cortar qualquer uma das nossas opções. Se escolhermos A, sentimos o ferrão de não termos B e C e D. Em decorrência disso, cada escolha parece ser pior do que não ter nenhuma escolha. E, quando fazemos uma escolha importante, acabamos nos sentindo arrependidos, perguntando-nos se nos contentamos com a opção inferior. Ou, pior ainda, acabamos morando na garagem dos pais indefinidamente enquanto tentamos encontrar a nós mesmos e ouvir a voz de Deus. Nossa liberdade de fazer qualquer coisa e de ir para qualquer lugar acaba se transformando mais em escravidão do que em liberdade, porque o processo de tomar uma decisão é doloroso, e não prazeroso.

Um número excessivo de jovens de hoje não tem estabilidade, certeza, previsibilidade, possuem pouca determinação e muita autodúvida. As pessoas precisam cada vez de mais tempo para se estabelecer. Algumas nunca se estabelecem. Não estou dizendo que todos devam voltar para sua cidade natal e aceitar qualquer emprego que esteja disponível (mesmo que isso fosse, pelo menos, um passo em direção a alguma coisa para algumas pessoas). Alguns de vocês deveriam ir para o exterior, e outros se mudarão para lugares novos. O que estou defendendo aqui é hesitar menos, fazer uma diferença para Deus mais cedo e – acima de tudo – não espiritualizar, ano após ano, a nossa incapacidade de tomar decisões na busca elusiva da vontade de Deus. Estou afirmando que o nosso desejo de conhecer a vontade de Deus indica menos um coração que deseja desesperadamente

obedecer a Deus e mais uma mente tonta e perdida diante das escolhas que precisamos fazer.

Somos covardes

A última razão pela qual queremos conhecer a vontade de Deus é porque somos covardes. É verdade. Às vezes, quando oramos para conhecer a vontade de Deus, fazemos uma oração covarde: "Senhor, me diz o que devo fazer para que nada ruim aconteça comigo e eu não tenha que enfrentar perigos ou o desconhecido." Queremos ter a certeza de que tudo ficará bem para nós ou aqueles que amamos. Mas não foi assim que Deus falou com Ester. Como mulher judia que venceu um concurso de beleza incomum para se tornar rainha de Assuero (veja Ester 2.2-17), Ester aprendeu que os planos de Deus podem incluir riscos – e oportunidades para demonstrar coragem.

Hamã, a mão direita do rei, era inimigo dos judeus e tramou um plano para matar todos os judeus, e Assuero, rei da Pérsia, assinou o decreto. Quando Mordecai, o primo e guardião mais velho de Ester, soube desse plano, ele contou a Ester, sabendo que ela era a única que se encontrava na posição de salvar o povo judeu – seu povo. Mas ela recusou, dizendo-lhe que, se ela procurasse o rei Assuero sem ter sido chamada, ela seria executada segundo a lei da Pérsia – a não ser que o rei estendesse seu cetro dourado e poupasse sua vida. Entrar na sala do trono sozinha era muito arriscado, por isso, Ester enviou alguém para informar Mordecai que ela não o faria.

As Escrituras nos informam a resposta de Mordecai às palavras dos emissários de Ester:

> (...) lhes disse Mordecai que respondessem a Ester: Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para conjuntura como esta é que foste elevada a rainha? (Et 4.13-14).

O que você faria nessa situação? Orar por algum sinal dos céus? Esperar que Deus revelasse sua vontade? Questionar por que Deus o colocou numa situação tão difícil? Não fazer nada, acreditando que qualquer coisa que

envolva sofrimento e a possibilidade de morte não possa fazer parte do plano de Deus para a sua vida? Veja o que Ester fez:

> (...) disse Ester que respondessem a Mordecai: Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais, nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois, irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci (v. 15-16).

Observe o que a história não nos conta. Não lemos que Ester procurou alguma palavra divina vinda do Senhor, mesmo que um leitor atento possa reconhecer que Deus estivesse operando no conselho que Mordecai dera a ela. Ela não recebeu nenhuma promessa referente ao futuro. Tudo que ela sabia era que salvar seu povo era algo positivo. Deus não lhe disse o que aconteceria se ela obedecesse ou o que, exatamente, ela deveria fazer para garantir o sucesso. Ela teve que assumir um risco por Deus. "Se perecer, pereci" foi seu grito corajoso.

Ester não esperou semanas ou meses tentando discernir a vontade de Deus para sua vida antes de agir. Ela simplesmente fez o que era certo e avançou sem uma palavra especial de Deus. Se o rei estendesse seu cetro dourado, louvado seria o Senhor. Se ele não o fizesse, ela morreria.

Ester foi mais corajosa do que a maioria dos homens que conheço, incluindo a mim mesmo. Muitos de nós – homens e mulheres – são extremamente passivos e covardes. Não assumimos riscos em nome de Deus porque estamos obcecados com a segurança e o futuro. É por isso que a maioria das nossas orações se divide entre duas categorias: ou pedimos que tudo fique bem ou pedimos para saber que tudo ficará bem. Oramos por saúde, viagens, empregos – e devemos orar por essas coisas. Mas muitas das nossas orações se reduzem a: "Deus, não permita que qualquer coisa desagradável aconteça. Faça com que tudo fique bem para todos." E, quando não fazemos esse tipo de oração, pedimos que Deus nos diga que tudo ficará bem.

Muitas vezes, é por isso que pedimos quando oramos para descobrir a vontade de Deus. Não pedimos santidade, justiça ou consciência de pecado. Queremos que Deus nos diga o que devemos fazer para que tudo seja agradável para nós. "Diz-me com quem eu devo casar, onde devo morar, que escola devo frequentar, que emprego devo aceitar. Mostra-me o futuro

para que não tenha que assumir qualquer risco." Isso não se parece muito com Ester.

Deus não quer que vivamos obcecados com o futuro, pois mostrar-nos o futuro não é como Deus opera. Sua maneira de agir é falar conosco por meio das Escrituras e nos transformar por meio da renovação da nossa mente. Seu modo de operação não é uma bola de cristal. Seu modo de operação é sabedoria. Devemos parar de pedir que Deus nos revele o futuro e remova todos os riscos da nossa vida. Devemos começar a olhar para Deus – para seu caráter e suas promessas – e assim adquirir a confiança para assumir riscos em seu nome.

Deus é onisciente e todo-poderoso. Ele planejou e realiza todos os detalhes da nossa vida – os dias felizes e os dias difíceis – para o nosso bem (Ec 7.14). Quando temos confiança na vontade do decreto de Deus, podemos dedicar-nos radicalmente à vontade do seu desejo, sem nos preocupar com uma vontade da sua direção oculta.

Em outras palavras: Deus não se arrisca para que nós possamos nos arriscar.

Para alguns, isso significa confiar o bastante em Deus para permitir que seu dinheiro escorra por entre seus dedos. Para outros, significa agarrar-se à Palavra de Deus em circunstâncias difíceis ou situações impopulares. Para outros, significa missão transcultural, ou mais evangelização, ou um sonho novo, ou a confissão de pecados, ou o confronto com o pecado, ou uma nova vulnerabilidade num novo relacionamento. E para alguns, significa levantar-se do seu sofá e arrumar um emprego, ou superar seu medo de rejeição e procurar uma adorável mulher cristã. Para todos nós, significa deixar de lado nosso desejo insaciável de ter cada aspecto da nossa vida ou até mesmo os aspectos mais importantes da vida definidos diante dos nossos olhos antes mesmo de chegarmos lá.

Deus tem um plano maravilhoso para a sua vida – um plano que o acompanhará em provações e triunfos ao mesmo tempo em que você está sendo transformado na imagem do seu Filho (Rm 8.28-29). Disso podemos ter certeza absoluta. Mas o modo de operação normal de Deus não é nos mostrar seu plano com antecedência – talvez, em retrospectiva; raramente, com antecedência.

Isso desafia você em termos de direção? Não se desespere. Deus promete ser seu sol e seu escudo e carregá-lo e protegê-lo com seu forte braço direito.

Portanto, podemos parar de implorar que Deus nos mostre o futuro e começar a viver e obedecer sabendo que ele conhece o futuro.

Quarto capítulo

Nosso Deus “bola de cristal”

A abordagem convencional à vontade de Deus – em que a vontade de Deus é como um labirinto com uma única saída e muitos becos sem saída, ou como um alvo com a vontade de Deus no centro e todo o resto em qualquer outro lugar, ou como uma bola de cristal em que alguma resposta genérica aparece numa névoa – não ajuda. Não é boa para o nosso processo de decisão. Não é boa para a nossa santificação. E, francamente, às vezes, desonra a Cristo.

No terceiro capítulo, mencionei algumas razões pelas quais ficamos obcecados com a descoberta dessa suposta vontade de direção. Neste capítulo, quero falar mais diretamente sobre por que essa abordagem convencional à vontade de Deus é errada. No próximo capítulo, estudaremos Mateus 6.25-34 e contemplaremos uma abordagem melhor.

Antes de chegarmos lá, quero destacar cinco problemas relacionados à abordagem convencional à vontade de Deus.[1]

Tendemos a focar em decisões não morais

Em primeiro lugar, a abordagem convencional à descoberta da vontade de Deus concentra quase toda a nossa atenção em decisões não morais. As Escrituras não nos dizem se devemos viver neste ou naquele estado. Elas não nos dizem se devemos nos matricular nesta ou naquela escola. Não nos revelam se devemos comprar uma casa ou alugar um apartamento. Não nos instruem se devemos nos casar com um cristão maravilhoso chamado Toninho ou algum outro rapaz cristão maravilhoso. As Escrituras não nos dizem o que devemos fazer nestas férias ou qual emprego devemos escolher ou que faculdade devemos frequentar.

Certa vez, ao pregar sobre esse tema, eu fiz uma declaração ousada: “Deus não se importa com onde fica a sua escola, onde você mora ou que emprego

você escolhe". Uma jovem me procurou depois do sermão e se mostrou decepcionada com o fato de que Deus não se importava com as decisões mais importantes de sua vida. Eu lhe expliquei que, provavelmente, eu não havia sido muito claro. Certamente Deus se importa com essas decisões no sentido de que ele se preocupa com cada detalhe da nossa vida. Mas, em outro sentido, e era isso que eu estava tentando dizer, essas não são as questões mais importantes no livro de Deus. As questões mais importantes para Deus são a pureza moral, a fidelidade teológica, a compaixão, a alegria, nosso testemunho, lealdade, hospitalidade, amor, adoração e fé. Essas são suas grandes preocupações. O problema é que nós tendemos a concentrar a nossa atenção em todas as outras coisas. Ficamos obcecados com coisas que Deus nunca menciona, e talvez nunca as mencione, enquanto nós gastamos pouco tempo nos preocupando com todas as coisas que Deus já nos revelou na Bíblia.

Em outras palavras: gastamos a maior parte do nosso tempo tentando resolver questões não éticas. Quando falo em questões não éticas ou não morais, estou falando sobre decisões entre duas ou mais opções, nenhuma das quais as Escrituras proíbem. Escolher entre uma carreira em biologia ou uma carreira política é uma decisão não ética, contanto que – e esta é a grande ressalva – seus motivos sejam corretos e aquilo que você fará seja certo. Portanto, se sua carreira em medicina significasse que você trabalharia como médico que realiza abortos, isso seria errado, assim como o seria também uma carreira política em que você difamasse e enganasse para chegar ao topo. Mas, se você estiver motivado pela coisa certa e a fizer, então a escolha de sua carreira não é uma decisão moral. A Bíblia simplesmente não fala sobre cada decisão que você precisa tomar.

É claro, isso não significa que não devamos ser cautelosos na escolha da nossa carreira, tampouco que devamos ignorar os dons que Deus nos deu ou o mandamento de fazer tudo para a glória dele (1Co 10.31). O que estou querendo dizer é que devemos gastar mais tempo tentando descobrir como podemos agir de forma mais justa, amar com misericórdia e andar humildemente com Deus (como nos instrui Miqueias 6.8) como médico ou advogado e gastar menos tempo nos perguntando se Deus quer que sejamos médicos ou advogados.

Temos um Deus traiçoeiro?

Em segundo lugar, a abordagem convencional sugere que temos um Deus traiçoeiro. Na compreensão ordinária da vontade de Deus, Deus sabe o que devemos fazer. Ele tem um plano perfeito para a nossa vida. E ele nos responsabilizará se não seguirmos sua vontade. Mas ele não nos mostra qual é essa vontade. A abordagem tradicional à vontade de Deus transforma Deus numa pequena deidade traiçoeira que brinca de esconde-esconde conosco.

Só para deixar isso bem claro: Deus não esconde as coisas do seu povo. Existem muitos cenários que não conhecemos, muitos mistérios que não conseguimos entender. Existe uma vontade do decreto que, normalmente, o povo de Deus desconhece (Dt 29.29). Mas ele não está tentando nos confundir ou esconder a verdade. Na visão convencional da vontade de Deus, porém, temos a impressão de que ele não só esconde sua vontade de nós, mas que ele *espera* que nós a encontremos. Por isso, ficamos obcecados com a vontade da direção de Deus, e eventualmente ficamos frustrados com Deus por ele não nos mostrar o que ele quer. Acabamos nos decepcionando conosco mesmos ou nos irritando com Deus porque não conseguimos descobrir a vontade dele para a nossa vida.

Preciso saber o futuro

Em terceiro lugar, a abordagem convencional encoraja uma preocupação com o futuro. A forma como muitos cristãos tratam a vontade de Deus não se distingue de como, talvez, lidamos com o horóscopo. Procuramos a presença de Deus e queremos saber: "O mercado de trabalho é positivo para o Kevin hoje? Encontrarei meu amor verdadeiro? Devo me mudar para um estado que começa com a letra A?". Nossa fascinação com a vontade de Deus revela, muitas vezes, a nossa falta de confiança nas promessas e na providência de Deus.

Não queremos apenas a sua palavra de que ele estará conosco; queremos que ele nos mostre o fim desde o início e prove que podemos confiar nele. Queremos saber o que o dia de amanhã trará em vez de nos contentarmos com a simples obediência ao longo do caminho.

Por isso, ficamos obcecados com o futuro e nos angustiamos, pois, afinal de contas, angústia é simplesmente viver o futuro antes de ele chegar. Mas

ouça o que Tiago tem a dizer:

> Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo (Tg 4.13-15).

Essa é uma das passagens mais claras sobre a soberania de Deus. Se você conseguir chegar ao supermercado nesta tarde, Tiago afirma que o Senhor o quis. Se você chegar aos 100 anos de idade, o Senhor o quis. Se morrermos aos 45 anos, o Senhor o quis. Não precisamos dizer "Se Deus quiser" após toda declaração, mas isso deve estar sempre em nossa mente e em nosso coração. Precisamos viver nossa vida crendo que todos os nossos planos e estratégias estão sujeitos à vontade imutável de Deus. Portanto, devemos ser humildes quando olharmos para o futuro, pois nós não o controlamos; Deus o controla. E devemos olhar para o futuro com esperança, pois Deus o controla; nós, não.

Isso nos traz de volta para a angústia, para a nossa tendência de viver o futuro antes de ele chegar. Precisamos renunciar ao nosso desejo pecaminoso de conhecer o futuro e estar no controle. Não somos deuses. Andamos pela fé, não pela visão. Nós nos arriscamos porque Deus não se arrisca. Caminhamos para o futuro com uma confiança que glorifica a Deus, não porque conhecemos o futuro, mas porque Deus o conhece. E isso é tudo de que precisamos saber. A preocupação com o futuro não é apenas um tique nervoso, é o pecado da incredulidade, uma evidência de que nosso coração não descansa nas promessas de Deus.

Não me culpe!

Em quarto lugar, a abordagem convencional solapa a responsabilidade, a prestação de contas e a iniciativa pessoais. Deixe-me dar um exemplo para explicar o que quero dizer quando afirmo que a abordagem convencional à vontade de Deus mina a responsabilidade pessoal. Quando recebi o chamado para assumir o cargo de pastor sênior na University Reformed Church, eu estava feliz servindo como pastor associado no noroeste do estado de Iowa. Era uma decisão difícil assumir uma igreja nova e deixar

para trás uma igreja que eu amava. Teria sido muito fácil dizer às pessoas (porque eu já ouvira algo parecido antes): "Adoro viver em Iowa. Se a decisão fosse minha, eu ficaria. Não faz muito sentido em termos humanos sair daqui. Mas, enquanto eu orava, tornou-se muito claro que era isso que o Senhor queria. Nem sei se estou gostando disso. Mas sinto fortemente que a vontade de Deus é que eu vá para East Lansing."

Isso teria me livrado do assédio das pessoas, mas não teria sido justo. Nossa partida não era culpa de Deus. Minha esposa e eu havíamos orado muito sobre essa decisão, e acredito que tenhamos tomado uma decisão que agradou a Deus, assim como ele teria ficado satisfeito se tivéssemos ficado. Mas foi a minha decisão. Eu era responsável pelo fato de estarmos partindo. Eu escolhi. Eu decidi. Sim, num sentido último, Deus já havia decidido isso; isso sempre é verdade. Mas teria sido errado usar a vontade de Deus para esquivar-me da responsabilidade pessoal na decisão.

O mesmo vale para a prestação pessoal de contas. Precisamos ter o cuidado de não usar Deus como um "ás" em todas as nossas decisões. O mero fato de você orar não significa que suas decisões estão seguras de objeções. Sei que algumas pessoas falam sobre a obra de Deus em sua vida usando diferentes expressões. Mas se dissermos "*Deus* disse que eu devo fazer isso" ou "*Deus* me guiou até aqui", isso torna nossas decisões imunes a críticas e preocupações. Devemos usar uma terminologia diferente. "Eu orei sobre isso, e isso me parece a melhor alternativa" ou "Parece que o Senhor está guiando" seria uma maneira mais útil de comunicar nossa dependência de Deus. Não queremos que "Deus assim me disse", ou "Deus colocou isso no meu coração", ou "É a vontade de Deus", ou, pior ainda, "Deus me disse que ele quer que você faça isso e aquilo" sufoquem a conversa e removam qualquer responsabilidade do processo de decisão.

Jamais me esquecerei do meu pobre e atormentado colega de quarto que conversou comigo após correr o risco de dizer a uma bela moça que gostava dela. Fizeram uma longa caminhada. Ele tinha certeza de que ela retribuiria sua declaração de afeto. Mas ele descobriu que ela não estava interessada. Era uma moça doce, uma boa cristã. Ela não pretendia alimentar uma teologia ruim. Mas, em vez de dizer simplesmente "Não estou interessada" ou "Não gosto de você" ou ainda "Pare de me perseguir", ou algo assim, ela assumiu uma postura toda espiritual em relação a ele: "Tenho orado muito

sobre você", ela disse. "E o Espírito Santo me disse 'não'." "Não?", meu colega confuso perguntou. "Não, jamais", ela respondeu.

Coitado – ele foi rejeitado, não só por uma garota legal, mas pelo Espírito Santo. A terceira pessoa da Trindade interrompeu sua atividade de levar pessoas a Cristo para dizer a essa garota que ela não deveria namorar meu colega. Eu não sabia que isso fazia parte do perfil profissional do Espírito. Mas aposto que, em qualquer escola cristã, existem legiões de homens e mulheres que culpam Deus por relacionamentos rompidos.

Não importa se é o Espírito Santo dizendo "Não, jamais" ou Jesus, aparentemente, querendo "namorar" uma miríade de garotas em cada *campus*,[2] a vontade de Deus é frequentemente usada como desculpa para decisões difíceis em relacionamentos. Esse é o tipo de jargão para fugir à responsabilidade que devemos evitar. Se você não está interessado em namoro, cortejo, casamento ou qualquer outra coisa, diga apenas "Não, obrigado", mas, por favor, não faça de Deus o bandido em suas confusões relacionais.

A abordagem convencional solapa também a iniciativa pessoal. Haddon Robinson explica:

> Se perguntarmos: "Como posso conhecer a vontade de Deus?", é possível que estejamos fazendo a pergunta errada. As Escrituras não nos instruem a encontrar a vontade de Deus para a maioria das escolhas da vida, tampouco nos oferecem uma passagem que explique como determiná-la. E o que é igualmente significativo: a comunidade cristã jamais chegou a um consenso em relação ao modo como Deus nos fornece esse tipo de revelação especial. Mesmo assim, insistimos na busca pela vontade de Deus porque decisões exigem reflexão e sugam energia. Buscamos alívio da responsabilidade de tomar uma decisão e nos sentimos menos ameaçados permanecendo passivos e não ativos quando precisamos fazer escolhas importantes.[3]

Isso significa que a Palavra de Deus nada tem a dizer sobre como vivemos nossa vida e como tomamos decisões? É claro que não. Mas, quando se trata da maioria das nossas decisões diárias e até mesmo de muitas das "grandes" decisões da vida, Deus espera e nos encoraja a fazer escolhas, confiantes de que ele já determinou como harmonizar as nossas escolhas com sua vontade soberana. A passividade é uma praga entre os cristãos. O problema não é apenas não agirmos; o problema é nos sentirmos espirituais quando não

agimos. Imaginamos que nossa inatividade é paciência e sensibilidade à orientação de Deus. Às vezes, esse pode ser o caso, mas é também possível que estejamos apenas sendo preguiçosos. Quando hiperespiritualizamos nossas decisões, podemos cair em decisões impulsivas e tolas. Mas, como cristãos, é mais provável cairmos em padrões infindáveis de vacilo, indecisão e arrependimento. Não há dúvida de que a ambição egoísta representa um perigo para os cristãos, mas isso vale igualmente para a complacência, para a perambulação letárgica e para a passividade que se faz passar por espiritualidade. Talvez nossa inatividade não seja tanto esperar em Deus, mas sim uma expressão do medo do homem, do amor ao louvor do homem e da descrença na providência de Deus.

Tudo é subjetivo

Em quinto lugar, a abordagem convencional nos escraviza nas amarras de um subjetivismo sem saída. Não me entenda mal. Às vezes, nossas decisões são subjetivas. Nem sempre isso é ruim. Às vezes, seguimos uma dica ou uma intuição ou um sentimento. Não é algo necessariamente ruim tomar uma decisão baseada em instinto ou sentimento. Ruim é quando somos escravos desse tipo de subjetivismo. Nunca assumimos um risco porque nunca nos sentimos em paz com ele. Ou questionamos nossas decisões porque não nos sentimos à vontade com elas. Fato é que a maioria das grandes decisões na vida nos deixa um pouco inquietos. São, afinal de contas, decisões importantes. Quando você decide se casar, se mudar ou comprar uma casa, isso assusta, pois é algo importante, e novo, e desconhecido, e permanente (é, pelo menos, o que o casamento deveria ser). Mas isso não significa que o Senhor está lhe negando a paz em relação à decisão para que você volte atrás.

Não estou dizendo que decisões subjetivas são erradas. Tomamos decisões baseadas em "sentimentos" o tempo todo. Mas uma adivinhação subjetiva da vontade de Deus não deveria definir seu processo de decisão. É um beco sem saída. Como saber se uma porta aberta é a porta aberta do Senhor ou uma tentação do diabo? Como saber se uma porta fechada é a resposta do Senhor à sua oração ou o Senhor testando sua perseverança e determinação? Esses são os dilemas em que as pessoas se metem quando todas as suas

decisões resultam de tentativas subjetivas de discernir a vontade de Deus para a sua vida.

Recentemente, li um livro de um autor cristão popular que defendia uma abordagem à intimidade com Deus que envolvia uma consulta constante com o Senhor sobre os detalhes mais triviais da vida.[4] Não pretendo impugnar seus motivos ou questionar sua ênfase num relacionamento íntimo com Deus, que pode ser um corretivo útil para alguns dos nossos irmãos indigestos e fechados. Mas o livro apresentou uma abordagem ao processo de decisão que me deixou tonto. Afirmava que devemos estar atentos à voz de Deus em cada encruzilhada possível no nosso caminho. Devo enviar este *e-mail*? Devo pintar o banheiro? Devo fazer horas extras no trabalho? Devo ir à fazenda ou ficar em casa? Qual livro da Bíblia devo ler nesta manhã? Qual capítulo? Este é um bom dia para ir à pesca? Devo fazer uma caminhada? Queres curar nosso cachorro? Devemos acampar nas férias? Quando devemos ir? – diga-se de passagem que a resposta do Senhor foi entre 21 e 24 de abril. Devemos adotar um novo cachorrinho?

Todas essas perguntas foram realmente feitas ao Senhor ao longo da narrativa do livro. Repito: respeito o autor por querer ser obediente a Deus. Mas por que o Senhor nos deu um cérebro e fala tanto sobre adquirir sabedoria se, na realidade, tudo que devemos fazer é invocar o Senhor para que ele nos diga o que devemos fazer em milhares de decisões não morais?

Além disso, não me lembro de ter lido nesse livro como essa adivinhação da vontade de Deus funciona no caso concreto. Ele nos diz apenas que devemos "provar" as respostas e questionar-nos muito. Senti pena do autor quando ele escreveu sobre seu acidente de equitação e o arrependimento que sentiu após o fato ocorrido porque ele havia perguntado ao Senhor *se* ele deveria montar o cavalo, mas nunca perguntou ao Senhor *onde* ele deveria montá-lo. Ele lembrou como orou sobre os cavalos e se sentiu "como se não estivesse funcionando", mas ele saiu mesmo assim, pois queria apenas fazer um passeio a cavalo como uma pessoa normal. Isso certamente é vergonha no lugar errado. É uma ideia maravilhosa orar por segurança antes de colocar a sela no cavalo, mas isso não significa que precisamos esperar pelo sentimento nas nossas entranhas que nos diga que "o caminho está livre" antes de partirmos. Será que Deus realmente nos protegeria de todos os acidentes se simplesmente o consultássemos sobre

todos os detalhes e orássemos intensamente no início do dia? Se algo dá errado em nossa vida, precisamos realmente do fardo adicional do sentimento de que tudo poderia ter sido evitado se tivéssemos discernido melhor a vontade de Deus? E, falando nisso, como é que executamos sua vontade senão sondando algum sentimento subjetivo em nossas entranhas, o que, inevitavelmente, leva a muitas dúvidas e questionamentos?

Isso lança luz sobre uma das grandes ironias relacionadas à fala sobre a vontade de Deus no meio cristão. Se realmente existe uma perfeita vontade de Deus que devemos descobrir, por que todos que estão à procura da vontade de Deus parecem estar tão presos em escravidão e confusão? Cristo morreu para nos dar liberdade da lei (Gl 5.1), por que, então, transformamos a vontade de Deus em outra lei que nos leva à escravidão?[5] E, para piorar ainda mais as coisas, essa lei é personalizada, invisível e indecifrável; a lei mosaica (que já não era fácil), por sua vez, era pelo menos objetiva, pública e compreensível. Que fardo! Esperar que Deus, por meio da nossa percepção subjetiva das coisas, aponte o caminho em *cada* decisão que enfrentamos, e por mais trivial que seja, não só não é prático nem realístico, mas também é uma receita para a decepção e a culpa falsa. Não creio que esse seja o objetivo da intimidade com Jesus.

Quinto capítulo

Uma maneira melhor?

A pergunta, então, é: existe uma maneira melhor de andar na vontade de Deus? A resposta é um retumbante sim! Com toda a certeza existe uma maneira melhor. É uma maneira antiga. É uma maneira bíblica. É a maneira de Jesus.

Ouça a explicação de Jesus sobre a maneira de Deus no Sermão do Monte:

> (...) não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.
>
> Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal (Mt 6.25-34).

Não se preocupe; busque seu reino

A essência dessa passagem não poderia ser mais clara: Jesus não quer que nos preocupemos com o futuro. Deus sabe do que precisamos para viver. Quando ele quiser que morramos, morreremos. E, enquanto ele quiser que vivamos, viveremos. Ele fornecerá comida, bebida, emprego, casa, tudo de

que precisamos para viver e glorificá-lo nesta vida, até quando ele quiser que o glorifiquemos na morte. Preocupação, aflição e obsessão pelo futuro, mesmo que seja uma preocupação pseudossanta que tenta discernir a vontade de Deus, não acrescentará uma única hora à sua vida, e certamente também não acrescentará felicidade ou santidade.

Preocupação e ansiedade não são apenas maus hábitos ou idiossincrasias. São frutos pecaminosos que nascem da raiz da incredulidade. Jesus não trata a obsessão pelo futuro como excentricidade pessoal, mas como evidência de pouca fé (v. 30). Preocupação e ansiedade refletem a desconfiança do nosso coração na bondade e soberania de Deus. A preocupação é uma questão espiritual e precisa ser combatida com fé.[1] Precisamos lutar para crer que Deus é misericordioso com as dificuldades de hoje e que, independentemente do que aconteça amanhã, Deus terá novas misericórdias para as dificuldades de amanhã (Lm 3.22-23). A maneira de Deus não consiste em nos mostrar como será o amanhã, nem mesmo em dizer-nos quais decisões devemos tomar amanhã. Essa não é a sua maneira, pois não é a maneira da fé. A maneira de Deus é dizer-nos que ele conhece o amanhã, que ele cuida de nós e que, por isso, não devemos nos preocupar.

O versículo 33 é essencial para compreender a vontade de Deus para a nossa vida. Jesus diz: "Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça". Ele não nos instrui a buscar uma palavra divina antes de nos matricularmos para o próximo semestre ou de tomarmos uma decisão se devemos jogar boliche ou minigolfe. Ele nos incentiva a correr atrás dele, de seus mandamentos e de sua glória. A decisão de permanecer na vontade de Deus não é a escolha entre esta cidade ou aquela, ou entre engenharia e artes; é a decisão diária que enfrentamos de buscar o reino de Deus ou o nosso, de nos submeter ao seu senhorio ou não, de viver de acordo com as suas regras ou as nossas. A pergunta que mais importa a Deus não é "onde devo morar?", mas "amo o Senhor de todo o meu coração, de toda a minha alma, de todas as minhas forças e de todo o meu entendimento; e amo o meu próximo como a mim mesmo?" (Lc 10.27). É essa segunda pergunta que toca a essência da vontade de Deus para a sua vida.

Idem para o apóstolo Paulo

O apóstolo Paulo reproduz a mensagem de Jesus sobre a essência da vontade de Deus. Na verdade, em quatro passagens-chave, ele usa a expressão "a vontade de Deus", "sua vontade" e "a vontade do Senhor" para descrever o chamado de Deus para a nossa vida. Andar na vontade de Deus significa buscar primeiro o reino de Deus e a sua justiça.

Em primeiro lugar, a vontade de Deus é que vivamos uma vida santa, separada: "(...) esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (1Ts 4.3).

Aí está ela em poucas palavras – a vontade de Deus para a sua vida. Adoro subir ao púlpito e dizer às pessoas: "Eu sei exatamente qual é a vontade de Deus para a sua vida". Normalmente, recebo olhares um pouco perplexos. Então, peço que abram a Bíblia em 1Tessalonicenses 4.3. A maioria das pessoas fica decepcionada quando percebe o que quero dizer. As pessoas costumam esperar algo um pouco mais concreto do que santificação. Mas uma instrução do tipo "passo a passo" não é como Deus costuma operar. Seu método é demonstrar sua santidade, declarar-nos santos em Cristo, e então exortar-nos a crescer em santidade no dia a dia. Essa é a vontade do desejo de Deus para você. E é também a vontade de sua direção.

Ele quer que você compre uma casa que o santifique. Quando você se casar, ele quer que você se case para que você possa ser santo. Ele quer que você tenha um emprego que o ajude a crescer em santidade. Você pode ter certeza disso: a vontade de Deus é *sempre* a sua santificação. Ele nos separou para que nos tornemos cada vez mais semelhantes a Cristo.

Em segundo lugar, devemos sempre regozijar, orar e dar graças. Paulo, o apóstolo, nos dá três ordens absolutamente claras: "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco" (1Ts 5.16-18).

Essas são as coisas que merecem ser ponderadas e que merecem nossa energia e nossos esforços. Não gaste todo seu tempo perguntando aos seus amigos com quem deve se casar, onde deve morar, quantos filhos deve ter, onde deve passar suas férias e que emprego deve procurar. Em vez disso, concentre-se em praticar 1Tessalonicenses 5.16-18. Você está sempre cheio de alegria? Você está orando continuamente? Você está dando graças em todas as circunstâncias? Você deveria. Pois essa é a vontade de Deus para nós em Cristo Jesus.

Em terceiro lugar, devemos conhecer a vontade de Deus para que possamos dar fruto e conhecê-lo melhor. "(...) desde o dia em que o ouvimos, não

cessamos de orar por vós e de pedir que transbordeis de pleno conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e entendimento espiritual" (Cl 1.9).

Paulo orou pedindo que os colossenses conhecessem a vontade de Deus. Isso significa, então, que devemos esperar que Deus tome as decisões por nós? Veja o que Paulo diz em seguida:

> (...) a fim de viverdes de modo digno do Senhor, para o seu inteiro agrado, frutificando em toda boa obra e crescendo no pleno conhecimento de Deus; sendo fortalecidos com todo o poder, segundo a força da sua glória, em toda a perseverança e longanimidade; com alegria, dando graças ao Pai, que vos fez idôneos à parte que vos cabe da herança dos santos na luz (Cl 1.10-12).

Transbordar do conhecimento da vontade de Deus não significa receber mensagens divinas sobre nossos planos para as férias e investimentos financeiros. Significa produzirmos frutos, crescermos em nosso entendimento de Deus, sermos fortalecidos com poder para a paciência e darmos graças ao Pai com alegria.

Tudo gira em torno da pergunta *quem* nós somos, não *onde* estamos.

Em quarto lugar, a vontade de Deus é ser preenchido com o Espírito Santo. "(...) não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor" (Ef 5.17). Vemos novamente que compreender a vontade de Deus é algo bom. Mas, se continuarmos lendo Efésios 5, veremos que a vontade de Deus é que não nos embriaguemos, e que nos enchamos com o Espírito Santo. Isso, por sua vez, significa dirigir-nos uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais; cantar ao Senhor de todo o coração; dar graças sempre e por tudo; e submeter-nos uns aos outros por reverência a Cristo.

Qual, então, é a vontade de Deus que Paulo esboça nesses versículos? Sittser a resume bem:

> E qual é a vontade (de Deus)? Seria algum plano específico e secreto que Deus tem para nós e que ele quer que descubramos investindo dias, semanas e até mesmo anos? De forma alguma. Ela consiste numa vida sóbria, vivida no poder do Espírito Santo e que oferece louvor e gratidão a Deus por sua bondade. A preocupação principal de Paulo é como os cristãos se comportam na vida comum.[2]

Em palavras simples: *a vontade de Deus é seu crescimento à semelhança de Cristo.* Deus promete operar todas as coisas para o nosso bem, para que sejamos conformados à imagem de seu Filho (Rm 8.28-29). E à medida que isso soa como uma promessa chata, preferimos as pedras e os escorpiões deste mundo ao pão verdadeiro do céu (Mt 7.9-11). Deus nunca nos garante saúde, sucesso ou facilidade. Mas ele nos promete algo ainda melhor: promete transformar-nos em pessoas amorosas, puras e humildes iguais a Cristo. Em suma, a vontade de Deus é que você e eu sejamos felizes e santos em Jesus.

Por isso, vá e se case com alguém, contanto que estejam sob o mesmo jugo e que realmente gostem de estar um com o outro. Vá e arrume um emprego, contanto que ele não seja perverso. Vá viver em algum lugar, em alguma coisa, com alguém ou ninguém. Mas abandone a passividade, e a busca pela realização completa, e o perfeccionismo, e a preocupação com o futuro, e, pelo amor de Deus, comece a tomar algumas decisões em sua vida. Não espere pelo sinal na barriga. Se você estiver buscando em primeiro lugar o reino de Deus e a sua justiça, você está na vontade de Deus, então vá e faça alguma coisa.

As únicas correntes que Deus quer que usemos são as correntes da justiça – não as correntes do subjetivismo, não as algemas da vida sem riscos, não os grilhões das decisões que seguem o horóscopo – apenas as correntes apropriadas a um servo de Cristo Jesus. Morra para o eu. Viva para Cristo. E então faça o que quiser, vá para onde quiser, para a glória de Deus.

A vontade de Deus para a sua vida não é muito complicada. Obviamente, viver uma vida à semelhança de Cristo é trabalho duro, e o significado de seguir a Cristo nem sempre é claro em cada situação. Mas, como princípio geral, a vontade de Deus para a sua vida é bastante clara: seja santo como Jesus, pelo poder do Espírito Santo, para a glória de Deus.

Sexto capítulo

Orientação ordinária e surpresas sobrenaturais

Até agora, tenho argumentado que a vontade de Deus não é um labirinto inexplicável, cujo centro devamos descobrir. A vontade de Deus para a nossa vida é muito mais simples do que essa abordagem convencional. A vontade de Deus para a nossa vida é que busquemos em primeiro lugar o seu reino e a sua justiça. A decisão mais importante que enfrentamos é a decisão diária de viver para Cristo e morrer para nós mesmos.

Se fizermos essas duas coisas, então estaremos livres para escolher entre empregos, escolas e localidades. Deus quer que abandonemos nossa obsessão com o futuro e confiemos que o futuro pertence a ele. Devemos colocar de lado a passividade, o perfeccionismo e a busca pela realização perfeita e tocar a nossa vida. Deus não tem um plano específico para a nossa vida que ele quer que decifremos antes do tempo.

A essa altura, alguns de vocês talvez digam: "Legal. Acho que concordo. Essa abordagem da vontade de Deus é libertadora. Mas continuo tendo milhares de escolhas. Isso significa que Deus não me ajudará em minhas decisões? Deus é apenas uma deidade distante, que não se envolve nos detalhes e pormenores da minha vida?"

São perguntas justas. São perguntas sobre orientação. Por isso, deixe-me ser claro: eu acredito que Deus nos orienta em nossas decisões. Mas observe a palavra-chave aqui: "Deus nos *orienta* em nossas decisões". Eu não disse: "Deus espera que descubramos seu plano para a nossa vida". A diferença entre as duas afirmações é enorme. Não estamos falando sobre como Deus nos revela de antemão cada decisão que devemos tomar na vida. Sim, é apropriado que os cristãos orem a Deus e busquem sabedoria de Deus quando enfrentam decisões, até mesmo decisões não éticas. Não é uma ideia ruim. O que *é* uma ideia ruim é tratar decisões não éticas como mais

importantes do que realmente são porque você acredita que existe uma resposta correta que você precisa descobrir.

Como Deus orienta?

Outra ideia ruim é esperar que Deus nos diga o que fazer sempre que estivermos confusos. Hebreus 1.1-2 é um texto-chave para compreender como Deus fala conosco no contexto da nova aliança: "Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo".

Esses dois versículos, lidos no contexto do restante de Hebreus, nos revelam algo valioso sobre como Deus orienta seu povo. Deus pode falar com as pessoas de muitas formas, explica o autor, mas sua revelação plena e completa é agora apresentada por seu Filho, Jesus Cristo. Como veremos nos capítulos iniciais de Hebreus, a comunicação de Deus por meio de seu Filho não inclui apenas a revelação divina na pessoa de Cristo – ou seja, Jesus nos mostra a natureza de Deus –, mas também a revelação divina por meio do Espírito de Cristo que fala através das Escrituras.

Talvez isso lhe pareça um pouco confuso, por isso, quero tentar expor meu argumento numa sequência passo a passo. Apoiando-me no livro *Guidance and the Voice of God*, de Phillip Jensen e Tony Payne,[1] apresento cinco afirmações para nos ajudar a entender a orientação de Deus no livro de Hebreus.

Primeira afirmação: Deus nos orienta por meio de sua providência invisível a cada momento. Esta é outra maneira de expressar Efésios 1.11: "(Deus) faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade". Deus o colocou onde está por alguma razão. Ele lhe deu sucesso nesta semana por alguma razão. Ele colocou dificuldades em sua vida nesta semana por alguma razão. Em tudo, a mão invisível da providência está orientando sua vida com amor – nos bastidores – nos mínimos detalhes. Muitas vezes, imaginamos que orientação significa Deus sussurrando planos secretos em nosso ouvido. Mas nossa ansiedade de receber uma orientação de revelação especial seria menor se refletíssemos mais sobre a orientação providencial de Deus por meio da qual ele, soberanamente, dirige nossos assuntos em cada momento.

Segunda afirmação: Deus pode falar com seu povo de muitas maneiras diferentes, orientando-o com a cooperação consciente de seu povo. A primeira afirmação fala sobre a orientação nos bastidores, sobre uma orientação da qual nos conscientizamos e percebemos apenas quando olhamos para trás mais tarde. Essa segunda afirmação está falando sobre um tipo diferente de orientação – não da mão invisível da providência, mas da voz de Deus que se comunica conosco e que nos dirige por meio da nossa cooperação consciente. Hebreus 1 afirma que Deus falou com seu povo de muitas maneiras diferentes. Ele falou com nossos ancestrais bíblicos por meio de uma voz silenciosa e pequena, por meio de anjos, por meio de sonhos, por meio de impulsos internos, por meio da boca de um burro, por meio de uma sarça ardente, por meio de escritas numa parede. Deus demonstrou ser capaz de orientar seu povo e de se comunicar com ele de várias maneiras.

Terceira afirmação: nestes últimos dias, Deus falou conosco por meio de seu Filho. O livro de Hebreus é um argumento extenso em prol da supremacia e da superioridade de Jesus Cristo. Ele é superior aos anjos, superior aos sumos sacerdotes levíticos, superior ao sangue de touros e cabritos e superior a outras formas de revelação. Deus pode falar com seu povo de muitas maneiras diferentes. Mas, nestes últimos dias, inaugurados pelos eventos sobrenaturais da cruz, da ressurreição e de Pentecostes, Deus falou conosco por meio de sua revelação suprema e superior, Jesus Cristo.

O que significa o fato de que agora Deus fala conosco por meio de seu Filho? Significa que Deus nos mostra sua própria pessoa e seu próprio caráter na face de Cristo. Jesus "é o resplendor da glória e a expressão exata do seu Ser" (Hb 1.3). Significa também que a salvação foi realizada no Filho. O juízo de Deus contra o pecado pode ser visto em seu julgamento de Cristo. A cruz fala em alta e clara voz da misericórdia de Deus pelos pecadores. E, quando Hebreus diz que "nestes últimos dias, (Deus) nos falou pelo Filho" (1.2), isso significa também que, agora, a palavra que Deus nos fala está centrada em Jesus. Deus falou por meio da vida, da morte, da ressurreição e dos ensinamentos de Jesus. E Deus falou por meio dos apóstolos e de seus associados, que foram encarregados de dar testemunho de Jesus.

Quarta afirmação: Deus continua falando conosco pelo seu Filho por meio de seu Espírito nas Escrituras. Quando Hebreus foi escrito, Jesus Cristo já não estava mais falando em voz audível por meio de seu corpo. Jesus já

havia morrido, ressuscitado e subido ao céu. Jesus não podia mais ser visto. Não era mais possível conhecê-lo face a face. Mas ele ainda estava falando. Como?

Hebreus opera sob a suposição de que o Filho fala por meio do Espírito nas Escrituras. A teologia de Hebreus está arraigada no Antigo Testamento. Na verdade, há vários minicomentários sobre textos do Antigo Testamento: sobre o salmo 2 em Hebreus 2, sobre o salmo 110 em Hebreus 5–7, sobre Jeremias 31 em Hebreus 8–9, sobre o salmo 40 em Hebreus 10 e sobre o salmo 95 em Hebreus 3–4. Nesses dois capítulos (Hb 3–4), o autor alerta contra a incredulidade. E assim o autor cita o salmo 95: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o coração (como fizestes na rebelião)" (v. 7-8).

A esta altura, talvez seja uma boa ideia você abrir a Bíblia para ver como o autor de Hebreus usa esse texto do Antigo Testamento. Em Hebreus 3.7, o autor escreve: "(...) como diz o Espírito Santo", e então ele cita o salmo 95. Notavelmente, essa palavra das Escrituras, escrita 1.000 anos antes, é introduzida com as palavras: "como diz o Espírito Santo". As Escrituras não são letra morta. Deus não só *falou* nas Escrituras, mas ele *continua a falar* por meio das Escrituras. Essa é a convicção por trás de Hebreus 3.7.

O restante de Hebreus 3, e continuando no capítulo 4, nada mais é do que um comentário sobre o salmo 95. O salmo é citado novamente em 3.15 e em 4.7, em que o autor afirma pela terceira vez: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração". E onde ouvimos essa voz? Essa é a pergunta que diz respeito a nós. Já vimos que Deus fala por seu Filho nestes últimos dias e que o Espírito Santo continua a falar nas Escrituras, e agora recebemos outra confirmação de que Deus continua a falar na Bíblia.

Assim, Hebreus 4.12, que encerra esse curto comentário sobre o salmo 95, diz: "(...) a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais cortante do que qualquer espada de dois gumes, e penetra até ao ponto de dividir alma e espírito, juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e propósitos do coração."

O raciocínio em Hebreus 1–4 é este: 1) Deus pode falar de muitas maneiras diferentes. 2) Nestes últimos dias, Deus falou pelo seu Filho. 3) Deus fala conosco pelo seu Filho por meio do Espírito Santo na Palavra viva e ativa de Deus. O que nos leva à última afirmação sobre a orientação de Deus.

Quinta afirmação: além do Espírito que opera por meio das Escrituras, Deus não nos promete qualquer outro meio de orientação, tampouco deveríamos esperar algo diferente. Quando lemos a Bíblia, sabemos que estamos ouvindo a voz de Deus. Estamos lendo não só o que Deus inspirou por meio do Espírito, mas também o que ele continua a dizer por meio do mesmo Espírito. Ouvir a voz de Deus fora da Bíblia nestes últimos dias, por sua vez, sempre é mais tênue, menos claro e possui menos autoridade. As Escrituras não nos oferecem qualquer promessa de que Deus falará conosco de outra maneira senão por meio do Espírito que fala através de sua Palavra.

Não espere o inesperado

"Mas espera aí", alguém pode dizer. "Deus parece ser mais criativo do que você admite. Mesmo supondo que o Antigo Testamento tenha sido uma era diferente, o Espírito Santo não reside em nós? Ele não nos orienta? E o que diz o livro de Atos? Não vemos ali que Deus aparece em eventos milagrosos e que ele fala com seu povo de maneiras surpreendentes?"

Nosso questionador imaginário tem razão. Basta ler o livro de Atos. Lemos sobre numerosas visões – uma visão a Ananias (9.10-16), uma visão de animais impuros (10.10-17), uma visão de um homem da Macedônia (16.6-10), uma visão em Corinto (18.9) e uma visão na estrada para Damasco (22.17-21). E lemos sobre anjos que aparecem a Filipe (8.26), a Pedro (12.7-8) e a Paulo (27.23). Há exemplos de vozes audíveis (9.3-6; 10.13,15,19-20; 23.11) e uma predição do profeta Ágabo sobre o futuro (21.10-11). Parece que Deus aparece e diz às pessoas para onde devem ir e as orienta por meios diferentes do Espírito que fala através das Escrituras.

Mas existem algumas considerações que me levam a acreditar que esses exemplos em Atos não representam o padrão normal para a nossa vida. Em primeiro lugar, é importante entender que esses eventos de revelação especial não eram normais nem mesmo para os apóstolos. Veja Paulo, por exemplo. Por vezes, Deus lhe dizia diretamente para onde deveria ir, mas, na maioria das vezes, Paulo tomou decisões como todos nós. Ele usava expressões um tanto hesitantes, como "(...) pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (At 15.28-29). E, quase sempre, ele simplesmente decidia para onde ir e como chegar até lá (At 20.16). Em 1Coríntios 16, ele desdobrou seus planos de forma muito prosaica, dizendo basicamente: "Quando eu chegar,

farei apresentações. Depois, algumas pessoas me acompanharão, se isso lhes parecer bem. Após passar pela Macedônia, eu chegarei até vocês. Ficarei um tempo, talvez até durante o inverno. Não quero me apressar, se o Senhor permitir. Depois, irei a Éfeso, pois há muitas oportunidades boas por lá."

O texto não parece dizer que o apóstolo recebeu visitas angélicas a cada dia e que ele esperava que seus sonhos lhe dissessem o que fazer. Com poucas exceções, Paulo planejava, desenvolvia estratégias e tomava suas próprias decisões sobre questões não morais em sua vida.

Em segundo lugar, se analisarmos com cuidado os casos de revelação especial no livro de Atos – visões, anjos, vozes audíveis, induções, etc. –, percebemos um fato muito importante e consistente. Os meios extraordinários de orientação não eram buscados. Não nego que Deus ainda possa falar conosco de maneiras diretas e surpreendentes. É claro, sempre precisamos compará-las com as Escrituras, mas acredito que Deus ainda conceda visões. O que quero dizer é que esses meios extraordinários no Novo Testamento são justamente isso: *extraordinários*.

Deus pode nos orientar dessa forma em casos raros, mas não devemos esperar que ele o faça. Não temos um único registro no Novo Testamento de uma pessoa querendo ouvir que Deus lhe diga o que deve fazer. Paulo nunca pediu palavras especiais de conhecimento referentes ao seu futuro. Ele parece muito preocupado em conhecer e obedecer à vontade moral de Deus. Mas, quando ele chega a uma encruzilhada em seu caminho, a hesitação e o apelo a Deus para saber por onde seguir parecem ser algo completamente estranho ao apóstolo.

Bruce Waltke, estudioso do Antigo Testamento, resume bem as evidências bíblicas:

> Sempre que tirar a Bíblia de seu contexto, você destrói a Palavra de Deus. É por isso que você não pode pegar casos de revelação especial e torná-los normativos para a experiência cristã (...). Quando experimentou uma revelação especial, vendo a visão de um homem chamando-o para a Macedônia, ele (Paulo) obedeceu. Mas a revelação especial de Deus era uma experiência rara e singular, até mesmo para Paulo (...). Não podemos tomar circunstâncias especiais e transformá-las em norma para viver nossa vida. A revelação especial para a orientação não era a experiência apostólica normal. E quando era recebida (por Paulo, por Filipe, por Pedro deitado em seu telhado), ela não havia sido pedida

> (...) A revelação especial vinha em momentos em que Deus queria guiá-los de modo diferente daquele em que seu povo faz escolhas.[2]

Por um lado, precisamos afirmar que Deus ainda pode conceder visões ou falar de modo extraordinário (mas não o faz jamais de modo que acrescente ou contradiga as Escrituras). Até mesmo um acadêmico reformado conservador como Waltke afirma: "Um grande número de estudiosos conservadores não concede espaço para a intercessão especial de Deus, porque eles não têm controle sobre isso. Não podemos obrigar Deus a falar, às vezes, porém, ele nos surpreende completamente e fala mesmo assim."[3] Por outro lado, porém, precisamos reconhecer que isso acontece apenas raramente e que não deve ser buscado como o meio normal de Deus de orientar seu povo.

E quanto aos dons espirituais? Um debate atual

Se você estiver familiarizado com o mundo dos debates teológicos, você sabe que essa questão da orientação de Deus diz respeito também à questão dos dons espirituais. De um lado, temos os cessacionistas, que acreditam que os dons "sobrenaturais" do Espírito, como profecia, glossolalia e cura cessaram com a era apostólica (ou, talvez, mais tarde, com o encerramento do cânone bíblico). Do outro lado, temos os carismáticos, ou continuacionistas, que acreditam que todos os dons do Espírito continuam ativos até hoje. A despeito das diferenças sérias entre os dois campos, os representantes de ambos os campos, muitas vezes, chegam a um ponto quase idêntico no que diz respeito à orientação de Deus.

Por exemplo, em seu excelente artigo "Modern Spiritual Gifts as Analogous to Apostolic Gifts" (Dons espirituais modernos como análogos aos dons apostólicos), Vern Poythress, do Westminster Theological Seminary, apresenta numerosos exemplos históricos de reformadores e puritanos que falavam sobre impressões estranhas, ou visões milagrosas, ou conhecimentos sobrenaturais. Todos eles acreditavam no fim de alguns dons espirituais, mas, mesmo assim, não rejeitaram de imediato a obra misteriosa e surpreendente de Deus. Poythress conclui:

> Todos esses fenômenos extraordinários podem ser resumidos na definição da Confissão de Fé de Westminster 5.3: "Na sua providência ordinária, Deus

> emprega meios; todavia, ele é livre para operar sem eles, sobre eles ou contra eles, segundo o seu arbítrio." As obras de Deus, descritas assim, certamente abarcam todos os processos não discursivos (i.e., apreendidos não por meio do raciocínio linear) (...) Mas por causa de seu forte compromisso com a soberania de Deus e com o mistério de seu plano, a Confissão reconhece explicitamente que podem ocorrer também operações não vinculadas a meios de forma ordinária. O fator determinante último em cada caso é "seu arbítrio".[4]

Do outro lado, Donald Gee, da carismática denominação Assembleia de Deus, alerta:

> (Existem) problemas sérios levantados pelo hábito de dar e receber "mensagens" pessoais de orientação por meio dos dons do Espírito (...). A Bíblia abre espaço para esse tipo de orientações do Espírito Santo (...), mas precisamos manter isso em suas devidas proporções. Uma análise das Escrituras nos mostrará que, na verdade, os cristãos primitivos não recebiam essas vozes do céu o tempo todo. Na maioria dos casos, tomavam suas decisões recorrendo ao que nós costumamos chamar "bom senso santificado" e viviam vidas bastante normais. Muitos dos nossos erros referentes aos dons espirituais surgem quando queremos transformar o extraordinário e excepcional em algo frequente e habitual. Que todos aqueles que desenvolverem desejos excessivos por "mensagens" por meio dos dons atentem ao alerta dos estragos de gerações passadas e contemporâneas (...). As Escrituras Sagradas são uma lâmpada para os nossos pés e uma luz em nosso caminho.[5]

Muitos cessacionistas amadurecidos como Poythress, que acreditam que certos dons cessaram, também fazem questão de acrescentar rapidamente: "Mas, mesmo assim, Deus nos surpreende". E muitos carismáticos amadurecidos como Gee, que ressaltam a natureza contínua de todos os dons, também fazem questão de acrescentar rapidamente: "Mas apenas as Escrituras são nosso guia certo". Ainda existem diferenças entre as duas posições, mas ambas chegam a posturas semelhantes: Deus pode usar meios extraordinários, mas, por definição, não são ordinários e não devem ser esperados.

Por que essa discussão num livro sobre a vontade de Deus? Porque quero garantir, com todo o resto que estou dizendo em um livro sobre buscar a vontade de Deus como ela foi revelada nas Escrituras para o processo correto de tomar decisões, que você não acredite que eu seja cético sempre

que alguém alegar ter ouvido algo do Senhor. Francamente, porém, essas alegações também não me deixam maravilhado. Se você acredita ter recebido uma mensagem de Deus, não vou interná-lo na psiquiatria, mas também não estou disposto a abençoar tudo que você "ouviu" simplesmente porque você acredita que aquilo tenha vindo de Deus. Ouvir diretamente de Deus pode ser importante e legítimo, mas eu certamente não trataria uma impressão especial do Senhor como algo mais especial do que a palavra certa do Senhor que encontramos na Bíblia.

Sétimo capítulo

Ferramentas do ofício

Não sei se você viu essa reportagem nas notícias alguns anos atrás:

Homem de 91 anos morre esperando pela vontade de Deus

Tupelo, Mississippi – Walter Houston, descrito por familiares como cristão devoto, faleceu nesta segunda-feira após esperar vários anos por uma orientação clara de Deus sobre o que fazer com sua vida.

"Ele perambulava pela casa e orava muito, mas ele simplesmente nunca recebeu aquela confirmação", conta sua esposa, Ruby. "Às vezes, ele acreditava ouvir a voz de Deus, mas nunca tinha certeza, e assim ele reiniciava todo o processo."

Ela afirma que Houston nunca conseguiu descobrir qual era o sentido verdadeiro de sua vida, mas ele se satisfazia orando continuamente sobre o que ele poderia fazer para o Senhor. Sempre que estava prestes a partir para a ação, ele recuava, "porque não queria decepcionar Deus ou contrariá-lo de alguma forma", lembra Ruby. "Ele era muito sensível a sempre permanecer dentro da vontade de Deus. Essa era a sua prioridade."

Os amigos afirmam que gostavam de Walter, apesar de ele não aproveitar seus talentos.

"Walter possuía um número de habilidades que ele nunca chegou a usar", diz o amigo de longa data Timothy Burns. "Ele trabalhava muito bem com madeira e também era um ótimo contador de histórias. Eu sempre lhe dizia: 'Ouse algo. Tente algo novo se você não estiver feliz', mas ele tinha medo de decepcionar o Senhor."

Mas os amigos dizem que é preciso reconhecer também que Houston, que trabalhava principalmente como marido de aluguel, conseguiu pagar as prestações do modesto lar do casal.

Se você viu essa notícia, você deve ser fã do *site* larknews.com, que possui uma coleção de notícias cristãs falsas "divertidas, porque poderiam ser verdadeiras".[1] A história sobre Walter Houston não é verdadeira. Mas é crível, não é? Em vista do ritmo que alguns de nós assumiram, estaremos explorando nossa carreira futura aos 30, transitando para a idade adulta aos 40, tentando encontrar-nos aos 50, questionando tudo mais uma vez aos 60, pensando numa mudança de carreira aos 70, perguntando-nos qual seria

nosso propósito na vida aos 80 e ainda tentando descobrir a vontade de Deus aos 90.

E então morremos, sem ter feito muita coisa. Se tivéssemos feito algo – quase qualquer coisa, na verdade – com fidelidade e humildade e para a glória de Deus durante todo esse tempo, poderíamos ter causado um impacto impressionante. Mas se não fizermos nada, porque estamos sempre tentando descobrir alguma coisa perfeita, na hora de mostrarmos o que fizemos pelo Senhor, nada teremos a mostrar.

Ao longo dos anos, cristãos ansiosos e avessos a riscos desenvolveram um número de ferramentas para discernir a vontade de Deus. Neste capítulo, apresento quatro dessas ferramentas do ofício: portas abertas, lãs, versículos bíblicos aleatórios e impressões. Todas as quatro ferramentas podem ser usadas com sabedoria. E todas as quatro podem ser instrumentos da tolice.

Portas abertas (e não tenha medo de bater)

Muitas vezes, os cristãos falam de "uma porta aberta" do Senhor, querendo dizer: "Deus está me dando essa oportunidade maravilhosa". Inversamente, quando as coisas não andam como gostaríamos, dizemos que Deus "fechou uma porta" ou removeu alguma oportunidade.

Esse tipo de pensamento pode ser bom se virmos a porta aberta como oportunidade para fazer algo que sabemos ser bom, como compartilhar o evangelho com o vizinho ou assumir um emprego para alimentar a família, mesmo que não seja o emprego com o qual nós sempre sonhamos. Semelhantemente, se "uma porta aberta" significa simplesmente que "há mais uma vaga num programa de estudos no exterior, e acho que vou aproveitá-la", isso também pode ser bom. Nesses casos, quando falamos de portas abertas, estamos nos referindo meramente às oportunidades que Deus nos deu para fazer as coisas boas que sempre quisemos fazer.

Mas existem maneiras tolas de usar essa teologia das "portas abertas". Às vezes, os cristãos são culpados de usar a ausência de uma porta aberta como desculpa para sua preguiça: "Postei meu currículo na Catho.com na semana passada, e ninguém entrou em contato comigo. O Senhor não está abrindo portas para mim." Talvez você devesse fazer algumas ligações, bater em algumas portas e procurar cada empregador possível em sua cidade antes de culpar a Deus por seu desemprego.

Semelhantemente, muitos cristãos usam a teologia da "porta aberta" para abençoar uma ideia ruim que já decidiram realizar: "Sei que meu casamento está arruinado, e minha esposa quer passar mais tempo comigo para que possamos resolver nossos problemas, mas Deus abriu a porta de uma promoção maravilhosa para mim. Esse trabalho exigirá que eu passe 30 semanas do ano viajando e longe da minha esposa, mas Deus deve estar me orientando a aceitar esse emprego, caso contrário ele não teria aberto essa porta para mim."

Às vezes, optamos pelo caminho mais fácil e então espiritualizamos a nossa covardia, alegando: "Era uma porta aberta". Por exemplo, não pense consigo mesmo: *preciso ligar para a minha irmã e conversar sobre algo difícil com ela. Realmente deveria conversar com ela, mas acabaram os créditos do meu celular, por isso, o Senhor deve querer que eu lhe envie um e-mail.* Não pense que a maneira mais conveniente é sempre também a maneira de Deus de lhe oferecer uma maneira confortável. O navio que estava partindo para Társis era uma porta aberta que Deus estava oferecendo a Jonas? Essa "providência favorável" estava confirmando que a decisão de Jonas de dar as costas para Nínive era correta? É claro que não. O navio para Társis nada tinha a ver com a orientação do Senhor e tinha tudo a ver com a desobediência de Jonas.[2]

No fim, tudo se resume a isto: se Deus abre uma porta para você, e você sabe que aquilo é bom ou necessário, seja grato pela oportunidade. Mas, em todos os outros casos, não suponha que a facilidade ou a dificuldade relativa de uma nova situação é a maneira de Deus lhe dizer que você deve ou não fazer algo. Lembre-se, a vontade de Deus para a sua vida é a sua santificação, e Deus tende a usar o desconforto e as provações mais do que o conforto e a facilidade para nos santificar.

Fuja da lã!

Que cristão, em meio à perplexidade de um dilema, já não se deixou inspirar por Gideão para apresentar uma lã metafórica a Deus?[3] Lembro que, quando ainda era jovem, ao enfrentar uma decisão irrelevante, eu realmente estendi uma camiseta no chão e estava pronto para pedir que o Senhor enviasse orvalho. Mas não consegui decidir se queria que o Senhor molhasse a camiseta ou a mantivesse seca. Eu sabia que, se eu queria ser

confirmado em minha decisão, eu deveria pedir que o Senhor mantivesse a camiseta seca (já que a ocorrência normal de orvalho no meu quarto era mínima). Mas isso não me parecia muito interessante. Por isso, cogitei pedir uma camiseta molhada na manhã. Mas será que realmente fundamentaria minha decisão na resposta de Deus ao meu pedido de um milagre úmido? Eu estava confuso. No fim, desisti da ideia da lã e fui dormir.

Tomar decisões testando Deus com lãs costuma ser uma ideia ruim, mas, às vezes, isso pode ser semelhante a estabelecer metas sensatas. Por exemplo, suponhamos que você esteja pensando em correr uma maratona. Mas você decide que não se inscreverá na corrida de 42 quilômetros se antes não perder sete quilos e conseguir correr uma meia maratona. De certa forma, isso é semelhante a estender um pedaço de lã, porém, na verdade, é apenas prudência e bom planejamento.

Metas humildes e planos vagos são bons. Esperar que Deus faça algum truque para nós é ruim. Não ore: "Deus, se tu quiseres que eu saia com aquele garoto, faz com que meus professores cancelem todas as tarefas para o fim de semana. Se não fizeres isso, eu simplesmente direi ao Dudu que não é a vontade de Deus que namoremos." Essa abordagem de lã à vida se aproxima perigosamente de violar a advertência de Jesus: "Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7).

Agora, sei bem que Gideão pediu orvalho a Deus. Mas existem boas razões para crer que o pedido de Gideão não é um exemplo normativo. Para começar, Gideão não tinha uma Bíblia. Muito provavelmente, ele não possuía uma única página da palavra inspirada de Deus. E o que é mais importante ainda: em termos gerais, o livro de Juízes não oferece bons exemplos para muita coisa. Visto que o tema do livro é "cada um fazia o que achava mais reto" (Jz 21.25), deveríamos pensar duas vezes antes de copiar qualquer prática ou atitude que encontramos em seus capítulos. O pedido de Gideão era, provavelmente, uma evidência de covardia e incredulidade, não de um processo fiel e sábio de tomar uma decisão.

Métodos aleatórios – resultados aleatórios

Infelizmente, alguns cristãos apostam mais na Palavra de Deus quando ela é selecionada aleatoriamente do que quando é lida capítulo por capítulo, dia

após dia. A Bíblia não assume mais peso simplesmente quando os versículos são lidos aleatoriamente.

Dito isso, porém, podemos ser gratos pelos momentos em que Deus fala conosco por meio das Escrituras de maneira pungente e nos diz o que precisamos ouvir. Vamos supor que você tenha voltado a encontrar dificuldades com pornografia. Você se sente muito distante de Deus e não tem lido a Bíblia há semanas. Mas você sente um impulso de lê-la nesta manhã. Então, você pega sua Bíblia e, sem saber por onde começar, decide ler o Sermão do Monte. Rapidamente, você se depara com Mateus 5.8: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus". Isso o toca no coração, absolutamente convencido da sua impureza e da visão de Deus que você não está tendo em decorrência disso.

Deus queria que você lesse esse versículo naquele momento? Com certeza. Deus poderia ter usado milhares de outros versículos para falar com você, mas ele usou esse de maneira específica. Deus faz esse tipo de coisas o tempo todo. Ele nos faz lembrar versículos. Ele nos dá um sermão poderoso num momento de grande necessidade. Ele nos leva para uma passagem das Escrituras que diz exatamente o que ele quer dizer.

O problema, então, não é a capacidade misteriosa de Deus de nos levar para os versículos certos. O problema não é apenas tratar versículos aleatórios como mais sagrados do que outros tipos de leitura bíblica, mas tirar os versículos de seu contexto e fazer com que digam algo que nunca pretenderam dizer. Imagino um jovem que está namorando uma garota chamada Rebeca. Ele está pensando em pedi-la em casamento, mas não tem certeza. Então, pede que o Senhor lhe dê um sinal. Bem, já que a data é 24 de janeiro, seu plano de leitura o instrui a ler Gênesis 24. No final do capítulo, ele lê: "(...) e tomou a Rebeca, e esta lhe foi por mulher. Ele a amou". O jovem entende isso como instrução inequívoca do Senhor para pedir a mão de Rebeca em casamento. Qualquer adiamento seria desobediência. Outro exemplo é a mulher que abre a Bíblia aleatoriamente em 2Samuel 7.3: "Vai, faze tudo quanto está no teu coração, porque o SENHOR é contigo". Isso é sempre um conselho bom que vem diretamente do Senhor?

Talvez você tenha ouvido a piada sobre o homem que estava esperando receber uma palavra do Senhor e abriu a Bíblia em Mateus 27.5, que diz que Judas "foi enforcar-se". Não satisfeito com essa palavra, o homem abriu sua

Bíblia em outra página, na qual seus olhos caíram em Lucas 10.37: "Então, (Jesus) lhe disse: Vai e procede tu de igual modo".

Esses exemplos podem ser extremos, mas não são tão distantes de como muitos cristãos se aproximam da Bíblia. Mesmo que as respostas pareçam excitantes em sua relevância, não devemos apostar em respostas anacrônicas e retiradas de seu contexto que projetamos sobre a Bíblia após fazermos perguntas que a Bíblia nunca teve a intenção de responder.

O grande compositor de hinos e pastor John Newton (1725-1807) conhecia essa verdade. Certa vez, estava cogitando aceitar um chamado de ir para uma igreja em Warwick, na Inglaterra. A princípio, Newton acreditava que Deus estava lhe prometendo muito sucesso se ele aceitasse o chamado. "Lembro que, pensando em assumir uma congregação, eu li, seguindo os pastos verdes: 'Não temas, Paulo, pois tenho muito povo nesta cidade'. Mas, logo depois, fiquei decepcionado ao descobrir que Paulo não era John e que Corinto não era Warwick."[4] Newton percebeu que, mesmo prometendo muitas coisas, a Bíblia não estava lhe prometendo sucesso em Warwick. Ele foi sábio o bastante para reconhecer a tolice de buscar orientação por meio de versículos bíblicos aleatórios.

"Outros, quando em dúvida, abriram a Bíblia por acaso", Newton escreveu em outro lugar,

(...) esperando encontrar algo que os orientasse no primeiro versículo em que seu olho caísse. É um alerta grande contra essa prática que os pagãos, que não conhecem a Bíblia, usavam com alguns de seus livros favoritos da mesma forma (...) pois se as pessoas deixarem se orientar pela ocorrência de um único texto das Escrituras, sem levar em consideração o contexto ou sem compará-lo devidamente com o teor geral da Palavra de Deus ou com suas próprias circunstâncias, elas podem cometer as maiores extravagâncias, esperar as maiores impossibilidades e contradizer os imperativos mais claros do bom senso, pensando que estão com a Palavra de Deus do seu lado.[5]

Impressões são impressões

Todos nós seguimos nossos instintos de vez em quando. Ou seja, tomamos decisões baseadas em um sentimento ou em nossa intuição. Podemos ter uma impressão daquilo que devemos fazer, e o fazemos.

Muitas vezes, não há nada de errado com essa abordagem. Pode até ser muito boa se o impulso que sentimos é fazer algo que sabemos ser bom, como, por exemplo, dar um copo de água a um estranho necessitado. Este livro não pretende nos transformar em tomadores de decisões hiper-racionalistas que precisam consultar um arquivo Excel antes de comprar uma barrinha de cereal no supermercado. A última coisa que eu quero é impedir que alguém aja na base da subjetividade ou de impressões inexplicáveis. Afinal de contas, o título deste livro é *Faça* alguma *coisa*, não *Só faça alguma coisa se você tiver certeza de que não está cometendo um erro.*

O problema com as impressões não é que elas sejam subjetivas. O problema é supor que elas venham do Senhor. Aqui está a minha sabedoria profunda referente a esse tema: *impressões são impressões*. Não se inserem em uma categoria especial. Não confunda impressões, dicas e sentimentos subjetivos com certas palavras do Senhor. Se um pensamento ou impulso aparecer em sua mente, mesmo que isso aconteça enquanto você estiver lendo as Escrituras, não suponha que se trata de uma voz do céu.

Todos nós recebemos intuições, dicas e instintos o tempo todo. Alguns vêm do Senhor. Outros, não. Na maioria das vezes, isso provavelmente nem importa. Ouça seus instintos ou não, mas não os use como um fator extraordinário em suas decisões e não pense que você precisa de um sentimento leve e pacífico antes de tomar uma decisão.

Semelhantemente, precisamos ter o cuidado de não ver como absolutas as nossas decisões só porque oramos sobre elas. As diretorias das igrejas ou os comitês denominacionais muitas vezes se tornam culpados quando imunizam suas decisões contra críticas, dizendo: "A questão foi banhada em orações". Certamente a oração faz uma diferença enorme. Sou mais capaz de ouvir outros ou de ser ouvido por outros se houve um período de oração séria. Mas impressões sobre a orientação do Senhor após uma oração continuam sendo impressões. Não podemos julgar de modo infalível se nossos planos são certos ou errados nos baseando em sentimentos que surgem após uma oração. Mesmo após orarmos, podemos nos sentir angustiados em relação a uma tarefa difícil da qual não devemos fugir. Inversamente, podemos também nos enganar a nós mesmos, querendo tanto algo que imaginamos uma resposta do Senhor que concorda com nossos desejos. É por isso que não colocarei o selo infalível de aprovação de Deus nos planos da diretoria da nossa igreja só porque os submetemos a

uma oração. Eu encorajarei a igreja a confiar em seus líderes e lhe garantirei que pedimos sabedoria e que oramos por submissão ao Senhor, mas, em questões não expostas claramente na Bíblia, eu não quero reclamar uma autoridade maior para os nossos planos do que a que cabe à natureza de impressões.

Não manipule ou abuse das ferramentas do ofício

Portas abertas, lãs, versículos bíblicos aleatórios e impressões, se usados da maneira correta, têm seu lugar na vida cristã. Mas a minha experiência é que essas ferramentas têm causado mais prejuízos do que o bem. Elas são facilmente abusadas, manipuladas. E elas podem ser usadas como ferramentas da superstição.

Uma abordagem muito melhor é, mais uma vez, apresentada por John Newton:

> Em geral, ele (Deus) orienta e guia seu povo concedendo-lhe, em resposta às orações, a luz do seu Espírito Santo, que capacita o cristão a compreender e amar as Escrituras. A Palavra de Deus não deve ser usada como loteria; tampouco foi feita para nos instruir por meio de retalhos e sobras que, retirados de seus devidos lugares, não possuem importância determinativa; ela pretende nos equipar com princípios justos, compreensões corretas para regular nossos juízos e nossos afetos e assim influenciar e orientar a nossa conduta.[6]

Existe uma palavra para essa abordagem à orientação e à vontade de Deus: sabedoria. Não é *sexy*, nem exige um decodificador secreto. É o caminho de entender "justiça, juízo e equidade, todas as boas veredas" (Pv 2.9).

Oitavo capítulo

O caminho da sabedoria

Dizem que vivemos na era da informação, com mais livros, estações de rádio, canais de TV a cabo ou satélite e comentaristas do que nunca. E se você acrescentar a internet ao conjunto, temos bilhões de informações acessíveis à ponta do dedo.

Mas encontrar sabedoria é mais difícil do que encontrar informações. Um tempo atrás, eu estava tentando descobrir algo sobre a Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, por isso, recorri ao Google, e a busca me rendeu 614.000 resultados. De brincadeira, tentei *salamandra* e recebi 1.600.000 resultados. Melhor ainda: O *Mr. T*, aquele ator com corte de cabelo moicano e famoso pela série de TV *I pity the fool*, me rendeu 6.300.000 resultados. A julgar pela internet, B.A. Baracus, o personagem durão do Mr. T no *Esquadrão Classe A*, tem sido mais importante para a civilização do que qualquer coisa que Tucídides possa ter escrito. Temos mais informações do que nunca, mas nossa sabedoria não conseguiu acompanhar o ritmo do nosso conhecimento. Na verdade, você poderia argumentar facilmente que, onde a informação aumentou, a sabedoria diminuiu.

Veja o noticiário, por exemplo. Assistimos ao canal de notícias 24 horas por dia e imaginamos que, por isso, estaríamos informados sobre os eventos cruciais que moldam nosso mundo. Mas, na verdade, tudo que sabemos é o que as pessoas estão comentando nesse momento, e, dentro de um mês a maioria disso será monumentalmente insignificante.[1] E mesmo quando obtemos informações úteis, elas vêm cercadas de tanta informação inútil que temos dificuldade de ver tudo em sua devida perspectiva.

Numa tarde de terça-feira em 2007, as manchetes da CNN.com eram: “Bush faz um apelo por uma redução forte no consumo de gasolina”. “Exército: quatro presos num ataque sorrateiro aos Estados Unidos no

Iraque." "Libby: a Casa Branca tentou sacrificar-me a favor de Rove." "Relato alarmante afirma que o aquecimento global já é realidade." "Tubarão come cabeça de homem que estava mergulhando para pegar algas." "Anunciadas as indicações ao Oscar." "Predador sexual, 29, se matriculou na sétima série." "Leão-marinho sente falta de água, acaba em fazenda de leite." "Os 101 momentos mais idiotas no mundo dos negócios." "Tulsa escava carro enterrado durante 50 anos."

Essas são as notícias *principais*. Você se lembra de alguma delas dois anos mais tarde? Ou dois dias depois? Quanto disso realmente importa? E se alguma coisa nessa lista realmente importasse, como você conseguiria identificá-la em meio a notícias sobre as lutas diárias de um leão-marinho? Temos um excesso de informações. Falta sabedoria.

Opte pela abordagem centrada em Deus

Precisamos de sabedoria para viver uma vida santa. Deus não nos revela o futuro nem espera que o descubramos. Quando não sabemos em que direção seguir e quando enfrentamos decisões difíceis na vida, Deus não espera que fiquemos tateando no escuro à procura de alguma vontade de sua direção oculta. Ele espera que confiemos nele e que sejamos sábios. Esse é o tema de Provérbios, especialmente do capítulo 2. Veja os versículos 1-6:

> Filho meu, se aceitares as minhas palavras e esconderes contigo os meus mandamentos, para fazeres atento à sabedoria o teu ouvido e para inclinares o coração ao entendimento, e, se clamares por inteligência, e por entendimento alçares a voz, se buscares a sabedoria como a prata e como a tesouros escondidos a procurares, então, entenderás o temor do SENHOR e acharás o conhecimento de Deus. Porque o SENHOR dá a sabedoria, e da sua boca vem a inteligência e o entendimento.

O versículo 5 responde à pergunta: "O que é sabedoria?". Sabedoria é entender o temor do Senhor e encontrar o conhecimento de Deus. Em Provérbios, sabedoria é sempre moral. O tolo [ou insensato], o oposto da pessoa sábia, não é um idiota ou imbecil. Tola é a pessoa que não vive sua vida à maneira de Deus. Sabedoria é conhecer Deus e fazer o que ele ordena. Tolice, por sua vez, é afastar-se de Deus e dar ouvidos apenas a si mesmo. Por isso, quando falamos sobre sabedoria, estamos falando sobre mais do

que aforismos espertos e conselhos artesanais. Estamos falando sobre uma abordagem à vida centrada profundamente em Deus. Sabedoria bíblica significa viver uma vida disciplinada e prudente no temor do Senhor.

Provérbios 2 nos diz não só o que a sabedoria é, mas também qual deveria ser nossa postura em relação a ela. Nossa postura deveria ser a de um anseio sincero. Para o cristão, a sabedoria é mais preciosa do que prata ou ouro.

Imagina se alguém o procurasse hoje à noite e dissesse: "Pagarei todas as suas contas. Pagarei as prestações da sua casa. Quitarei seu plano de aposentadoria. Eu lhe darei dinheiro para suas férias, uma propriedade de 2.000 metros quadrados e o carro que você escolher, *ou* posso torná-lo sábio." O que você responderia a essa pessoa? Se você temesse ao Senhor, escolheria a sabedoria sem pensar duas vezes.

Você não acha interessante que as Escrituras nunca nos instruem a pedir que Deus nos revele o futuro ou nos mostre seu plano para a nossa vida? Mas somos instruídos – em termos nada incertos – a clamar por inteligência e a alçar a voz por entendimento. Deus diz, em outras palavras: "Não me peça que lhe mostre todos os planos que fiz para você. Peça sabedoria para que você saiba como viver de acordo com o meu livro."

A sabedoria é preciosa porque ela nos mantém longe da tolice. Se você ler Provérbios 2, perceberá a construção "se... então..." desse capítulo: se você fizer isso, então receberá sabedoria. Mais especificamente: *se* você aceitar minhas palavras (v. 2), *se* você clamar por inteligência (3) e *se* você buscar a sabedoria como a prata (4), *então* você entenderá o temor do Senhor (5) e o que é certo e justo e bom (9). Os versículos 5-11 lhe mostram tudo que terá quando receber sabedoria. Você terá entendimento e conhecimento (5-6), proteção (8) e uma boa vereda (9).

Igualmente importante é o fato de que ter sabedoria o afasta de perigos reais. Os versículos 12-22 mostram que a sabedoria o mantém longe de homens perversos (12), dos caminhos das trevas (13), das veredas tortuosas (15) e da mulher adúltera com sua fala sedutora (16). A sabedoria é o caminho da justiça (20), mas a insensatez é o caminho da morte (18-19).

Como, então, adquirimos essa sabedoria preciosa? Nosso texto menciona três maneiras. A primeira maneira de obter sabedoria é esconder conosco os mandamentos de Deus (1). A segunda maneira é voltar o ouvido para a sabedoria (2). E a terceira maneira é clamar por entendimento (3). Se usarmos uma linguagem mais familiar, podemos dizer que recebemos

sabedoria lendo nossa Bíblia (guardando os mandamentos de Deus), aceitando bons conselhos (voltando nosso ouvido para a sabedoria) e orando a Deus (clamando por entendimento). A segunda e a terceira maneiras são quase intercambiáveis, pois, quando Deus nos dá sabedoria, ele, na maioria das vezes, o faz por meio de outras pessoas. Mas, em nome da organização, nós as contemplaremos como distintas.

Andando no caminho da sabedoria: as Escrituras

A Palavra de Deus é viva e ativa. Quando lemos a Bíblia, ouvimos de Deus com uma confiança que não encontramos em nenhum outro livro e em nenhuma outra voz. Podemos ler as Escrituras sabendo que é isso que o Espírito Santo diz. E quando lemos, e relemos, e contemplamos, e estudamos, e digerimos as Escrituras, nós nos tornamos "sábios para a salvação", como diz 2Timóteo 3.15.

Mas a Bíblia não é um livro de casos. Ela não nos dá informações explícitas sobre namoro ou carreiras ou sobre quando construir uma igreja ou comprar uma casa. Todos nós queríamos que a Bíblia fosse esse tipo de livro, mas não é, pois Deus está interessado em mais do que fazer com que sigamos sua lista de afazeres: ele quer transformação. Deus não quer que sejamos apenas obedientes externamente aos seus mandamentos. Ele quer que nós o conheçamos de modo tão íntimo que seus pensamentos se tornem nossos pensamentos, que seus caminhos se tornem nossos caminhos, que seus afetos se tornem nossos afetos. Deus quer que bebamos tão profundamente das Escrituras que nossas cabeças e nossos corações sejam transformados para que amemos o que ele ama e odiemos o que ele odeia.

Romanos 12.1-2 é o texto clássico sobre esse tipo de transformação espiritual.

> Rogo-vos (...) irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Temos três mandamentos aqui: 1) Apresentem seu corpo como sacrifício vivo. 2) Não se conformem com o mundo. 3) Sejam transformados pela renovação da sua mente. Se fizermos essas três coisas, então seremos capazes de discernir a vontade de Deus. É assim que funciona a vida cristã. Não há atalhos. Não recebemos mensagens secretas que nos dizem se devemos abandonar o estudo de entomologia. Deus quer que nós nos ofereçamos a ele, abandonemos os caminhos do mundo e sejamos transformados. Então teremos algo melhor do que revelações especiais e palavras sobre o futuro – teremos sabedoria.

Deus quer que desenvolvamos um gosto pela santidade. Trisha, minha esposa, realmente não aprecia o fato de eu ter – como posso dizer? – um paladar sensível. Para dizê-lo de forma menos delicada: sou muito seletivo quando se trata de comida. Existem muitas comidas de que não gosto (demais), e, muitas vezes, consigo detectar novos ingredientes numa receita da família. Em geral, minha esposa adorável não se entusiasma com minhas descobertas excepcionais: "Isso parece ser gelatina de morango e banana, mas acho que o que estou sentindo aqui é morango e kiwi", por exemplo. Desde sempre sou consumidor de gelatina – várias tigelas todas as manhãs de domingo enquanto crescia. Portanto, desenvolvi uma sensibilidade por gelatina – com ou sem chantili, com ou sem sorvete (sim, você pode e deve comer gelatina com sorvete). Conheço todas as marcas de gelatina. Mas foi necessário consumir uma marca específica durante toda a vida para adquirir esse gosto requintado (sei também quando minha esposa não coloca manteiga no macarrão com queijo e quando ela coloca gérmen de trigo nos biscoitos de chocolate, mas deixo isso para o aconselhamento de casais).

É assim que devemos ser com a Palavra de Deus. Devemos comê-la, engoli-la e digeri-la com tamanha regularidade que, ao longo do tempo, desenvolvemos um gosto pela santidade. Isso é sabedoria.

Sabedoria é a diferença entre conhecer um biólogo de fama mundial que pode escrever seus trabalhos para você e estudar com um biólogo de fama mundial que lhe ensina a escrever os trabalhos que ele escreveria. Muitos de nós querem que Deus seja o estudioso de fama mundial que escreve as nossas redações e viva nossa vida em nosso lugar, quando o que Deus quer é que nós nos sentemos aos seus pés e leiamos a sua Palavra para que nós possamos viver uma vida à imagem do seu Filho. Deus não nos revela o futuro por esta razão simples, mas profunda: nós nos transformamos

naquilo que contemplamos. Deus quer que nós o contemplemos em sua glória para que possamos ser transformados à sua semelhança (2Co 3.18). Se Deus resolvesse tudo por nós, não precisaríamos nos concentrar nele e aprender a nos deleitar em sua glória. Deus diz: "Não estou lhes dando uma bola de cristal. Estou lhes dando minha Palavra. Meditem sobre ela; vejam-me nela; tornem-se iguais a mim."

Andando no caminho da sabedoria: conselhos

As pessoas sábias leem e memorizam as Escrituras. Amam ouvir quando elas são lidas, pregadas e cantadas. Mas os sábios sabem também que você precisa ler a Bíblia em comunhão. Você precisa ouvir o que outros cristãos leitores da Bíblia dizem. Se quisermos tomar decisões sábias, precisamos buscar o conselho de outros. Isso vale especialmente para situações em que lidamos com escolhas não éticas ou decisões que não são claramente expostas nas Escrituras. Isso não significa que devamos sempre ouvir a maioria em tudo, ou que as decisões que tomamos devam sempre agradar a todos, ou que cada amigo em seu círculo precise, ser consultado antes de tomar uma decisão. Mas, quando a Palavra de Deus não fala com voz decisiva, ou quando a questão que enfrentamos nem mesmo é mencionada nas Escrituras, é sábio ouvirmos outros cristãos.

Veja estas palavras de Provérbios:

> Ouça o sábio e cresça em prudência; e o instruído adquira habilidade (1.5).
>
> O caminho do insensato aos seus próprios olhos parece reto, mas o sábio dá ouvidos aos conselhos (12.15).
>
> Onde não há conselho fracassam os projetos, mas com os muitos conselheiros há bom êxito (15.22).
>
> Ouve o conselho e recebe a instrução, para que sejas sábio nos teus dias por vir (19.20).

Uma das virtudes que mais aprecio em outros, uma virtude que espero possuir em alguma medida, é a capacidade de aprender. Você está disposto a mudar sua opinião quando o argumento de outra pessoa é melhor do que o seu? Você é capaz de aceitar um bom conselho quando ele não sair da sua própria boca e talvez até contradiga suas ideias preconcebidas? Você está disposto a reconhecer que "não havia pensado nisso" ou "eu entendo o que

você quer dizer"? Se os outros nunca o ouviram mudar de opinião em relação a alguma, coisa, você é um deus ou acha que é. Posso afirmar, sem dúvida alguma, que eu tomo decisões melhores quando consulto minha esposa. Tomo decisões melhores com os presbíteros do que sozinho. Sou mais sábio quando ouço primeiro os meus amigos.

Porém, é evidente que muitas vezes você precisa tomar decisões sozinho. E, às vezes, você precisa tomar decisões não populares porque sabe que é a coisa certa. Mas, no que diz respeito à maioria das nossas decisões, fazemos bem quando simplesmente perguntamos a alguém: "O que você acha?". Gastamos todo nosso tempo perguntando a Deus "qual é a tua vontade?", quando, muito provavelmente, ele deve estar pensando: "Faça amizades, por favor. Vá conversar com alguém. Existe uma razão pela qual eu remi muitos iguais a você – porque vocês cometem menos tolices quando conversam uns com os outros. Peça conselhos. É bem possível que você ouvirá minha voz."

Andando no caminho da sabedoria: oração

O caminho da sabedoria significa três coisas: sondar as Escrituras, buscar conselho sábio e orar a Deus. Mas pelo que oramos se não devemos pedir que Deus nos revele exatamente o que devemos fazer? Bem, em primeiro lugar, oramos por iluminação. Pedimos que Deus abra nossa mente para que consigamos entender as Escrituras e aplicá-las à nossa vida. Não se esqueça dessa oração. Deus pode mostrar-lhe coisas incrivelmente relevantes em sua Palavra se você pedir isso a ele. Em segundo lugar, ore por sabedoria. Não temos sabedoria porque não a pedimos. Deus *quer* que você tome decisões boas que lhe ajudarão a ser mais semelhante a Cristo e a trazer-lhe glória. Em terceiro lugar, ore por coisas que você já sabe corresponderem à vontade de Deus. Ore por boas motivações na hora de tomar uma decisão. Ore por uma postura de confiança, fé e obediência. Ore por humildade e capacidade de aprender. Ore para que o evangelho seja propagado. Você sabe que ele quer essas coisas no mundo e em sua vida. Ore por elas. Busque primeiro o seu reino e a sua justiça, como Jesus nos instruiu (Mt 6.33).

E então, após orar, estudar e buscar conselhos, tome uma decisão e não a espiritualize em excesso. Faça o que lhe parecer melhor. Às vezes, você não terá um mês para orar, ler e buscar conselhos. Por isso, o caminho da

sabedoria não diz respeito apenas a uma ou duas grandes decisões na vida. O caminho da sabedoria é um estilo de vida. E quando é um estilo de vida, você é mais livre do que percebe. Quando você bebe profundamente da santidade da Palavra e da santidade de outros e em sua vida de oração, é provável que você tome decisões que honrem a Deus. Na verdade, como uma pessoa de oração, cheia de bons e frequentes conselhos de outros e arraigada na verdade da Palavra, você deve começar a tomar muitas decisões importantes de modo instintivo e, às vezes, bem rápido. Para a maioria dos cristãos, angustiar-se diante de decisões é a única coisa que sabemos fazer, a única coisa que nos parece segura e verdadeiramente espiritual. Mas, às vezes, na verdade, muitas vezes, basta simplesmente decidir.

Algum tempo atrás, eu estava conversando ao telefone com um homem cristão agradável que me perguntou se eu estaria disposto a fazer uma pequena palestra em algum momento no ano seguinte. Pedi algumas informações adicionais e verifiquei as datas enquanto conversávamos. Tudo parecia se encaixar. Eu estaria de volta em menos de 24 horas e poderia falar sobre algo que eu já havia preparado. Eu lhe disse que estaria disposto a aceitar. Ele disse que me daria tempo para orar sobre isso. Observei novamente que as datas se encaixavam, que o evento ainda estava distante (de modo que eu poderia planejar tudo), o tema me agradava e que eu gostaria de fazer a palestra. Mas ele não aceitou meu sim. Educadamente, insistiu que eu orasse sobre isso. Então, orei sobre isso e liguei para ele no dia seguinte, novamente dando um sim como resposta.

Entenda bem: a última coisa que quero é desencorajar a oração. Afinal de contas, a oração é a terceira chave para a sabedoria. Mas você não acha que, se estivermos caminhando com Deus em oração diária e se tivermos algum bom senso santificado, deveríamos ser capazes de tomar decisões imediatas de vez em quando? Certamente temos evitado decisões ruins quando decidimos esperar e refletir, mas é igualmente possível que tenhamos perdido boas oportunidades e desperdiçado tempo valioso insistindo numa parada pseudoespiritual antes de fixar algo em nossa agenda.

Estude as Escrituras, dê ouvidos a outros e ore continuamente – esse é o melhor plano de ação, não só em momentos de crise, mas como estilo de vida. Enquanto você se exercita nessas práticas, não se esqueça de tomar

uma decisão – sempre com sabedoria, sempre com liberdade e, às vezes, com rapidez.

Nono capítulo

Trabalho, casamento e a vontade de Deus

Sabedoria parece ser algo legal, mas como ela funciona? Se o caminho da sabedoria envolve sondar as Escrituras, buscar conselhos sábios, orar e, por fim, tomar uma decisão, como seguimos esse caminho quando enfrentamos as decisões difíceis da vida? Neste capítulo, analisaremos duas escolhas que tendem a lançar os cristãos sensíveis num turbilhão de autorreflexão e passividade pietista: trabalho e casamento.

Arrume um emprego

Comecemos com a questão do trabalho. Não importa se você está precisando escolher entre dois empregos, se está contemplando uma mudança de carreira, ou explorando suas possibilidades vocacionais: como a sabedoria de Deus o ajuda a tomar uma decisão?

Primeiro passo: *sonde as Escrituras*. Lembre-se, você não está procurando um versículo que diz: "Aceite o emprego de caixa no supermercado São Gonçalves". Você está à busca de princípios. Para começar, você vai querer saber se o emprego é justo. Supondo que você não esteja considerando aceitar uma missão como assassino para a máfia ou o emprego de fotógrafo (ou modelo!) da *Playboy*, a maioria dos empregos pode ser oportunidade de glorificar a Deus (mas nem todos são, por isso, faça essa pergunta).

Além de sondar as Escrituras para saber se o emprego em si está em ordem, sugiro que você reflita também sobre outros princípios bíblicos. As Escrituras nos advertem: "(...) se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente" (1Tm 5.8). Alguns empregos podem colocar sua família em risco de desconforto ou posses limitadas (como no caso dos missionários, por

exemplo), e nem sempre isso é ruim. Mas você precisa ser capaz de sustentar sua família.

Você deve também levar em consideração as igrejas disponíveis onde você trabalhará. Infelizmente, essa é uma parte de obedecer às Escrituras que a maioria dos cristãos raramente contempla. Antes de aceitar um novo emprego, analisamos salário, benefícios, escolas, caminho de trabalho e amenidades culturais; mas, se tudo se encaixar e não houver nenhuma igreja boa na região, é difícil imaginar como a vontade revelada de Deus – a sua santificação – possa ser cumprida. Obviamente, é possível que você aceite um emprego intencionalmente num lugar onde não haja igrejas na esperança de que você possa evangelizar e, talvez, até iniciar uma igreja. Mas, para a maioria das pessoas dispostas a se mudar para algum lugar, a proximidade de uma igreja que crê e prega a Bíblia deveria ser um fator no topo da sua lista de prioridades.

Não pense apenas na segurança ou no valor de revenda de sua casa ou no sistema escolar. Pense no ministério que você pode desenvolver e de qual igreja você pode participar e se você tem como chegar à igreja sem ter de fazer uma viagem excessivamente longa. Quanto mais você ler a Bíblia, mais seu pensamento se transformará e mais esse tipo de questões lhe importará.

Segundo passo: busque conselhos sábios. Converse com pessoas que você conhece bem. Quais são as habilidades que elas veem em você? Você gosta de crianças e se diverte com elas? Caso contrário talvez você não deva ser professora de jardim de infância. Pergunte aos amigos quais são seus dons. Pergunte: "Você consegue me imaginar fazendo isso?". Ouça seus amigos, seus pais, seus professores, seus líderes. Esteja disposto a ser orientado. É possível que você não seja muito responsável e que não goste de trabalhar duro, e alguém lhe dirá isso. Ou talvez você esteja procurando um emprego para o qual é completamente incompetente. Talvez não tenha a formação adequada, ou talvez precise de um emprego que ofereça mudanças frequentes, ou talvez precise de algo mais estruturado. Se alguns amigos lhe derem a entender que você não se sente muito à vontade conversando com pessoas, vender aspiradores como vendedor ambulante será, provavelmente, uma ideia ruim. Em todo caso, busque conselhos com a disposição de ouvi-los.

Terceiro passo: ore. Deixe-me dar um exemplo que lhe transmita uma noção daquilo pelo qual você deva orar quando estiver pensando em mudar

de emprego. Mencionei acima que precisei decidir entre vir para a University Reformed Church ou permanecer na igreja em Iowa, onde eu me sentia bastante feliz. Orei muito sobre a decisão. Mas não pedi que Deus me dissesse o que fazer. Qual foi, então, a minha oração? Orei pedindo que Deus me ajudasse a ser honesto em minhas entrevistas. Orei para que eu pudesse ter uma visão verdadeira dessa igreja e para que eles pudessem ter uma visão realista da minha pessoa. Orei essencialmente por um coração sincero, que eu não permitisse que o orgulho fosse minha motivação – para permanecer onde eu estava, porque era uma igreja grande, ou para mudar, porque eu seria o pastor titular. Orei para que não tomasse uma decisão baseada no medo: "E se eu fracassar como pastor titular?". "E se o povo de Iowa ficar com raiva de mim se eu for embora?" Ou tentando agradar às pessoas: "Não quero decepcionar a comissão de nomeação que tem trabalhado nisso há tanto tempo".

Orei pedindo que tomasse uma decisão baseada em fé, esperança e amor – não no louvor de homens, na ganância e na ambição egoísta. Em outras palavras, eu orei para que minha decisão correspondesse à vontade do desejo de Deus, não que descobrisse sua vontade de direção.

Quarto passo: tome uma decisão. Não espiritualize em excesso. Você pode servir ao Senhor em mil empregos diferentes. Precisamos de missionários e pastores. Mas precisamos também de empreendedores que geram empregos para que as pessoas possam ganhar dinheiro e sustentar missionários e pastores. E precisamos de empreendedores porque trabalho é bom. Jamais pense que você é um cidadão de segunda classe no reino de Deus se você não trabalhar em tempo integral em um ministério. Você pode honrar ao Senhor como professor, mãe, médico, advogado, corretor ou assistente social; você pode trabalhar no varejo, numa lanchonete, na política ou no mundo empresarial; você pode ser açougueiro, padeiro ou fabricante de velas. Você pode ser praticamente tudo que quiser, contanto que não seja preguiçoso (Pv 6.6-11; 26.13-16) e contanto que faça tudo para a glória de Deus (1Co 10.31).

Deus chama as pessoas para muitas coisas diferentes. Às vezes, você se sente chamado para seu emprego e, às vezes, você não tem esse sentimento. Você simplesmente trabalha. Sou extremamente grato pelo fato de eu adorar o que faço para me sustentar. Sofro com aqueles que apenas toleram (ou até mesmo odeiam) seus empregos. Mas todos nós devemos servir ao

Senhor com coração, alma, força e mente onde quer que ele tenha nos colocado. Infelizmente, viramos a ideia de chamado ou vocação de ponta-cabeça. Os reformadores ressaltaram o chamado a fim de derrubar a divisão entre o sagrado e o secular. Diziam que, se estiver trabalhando para a glória de Deus, você está fazendo a obra do Senhor, não importa se é padre ou monge ou banqueiro. Mas nós invertemos essa noção de chamado. E assim, em vez de encontrar sentido em todo tipo de trabalho, procuramos loucamente por aquele emprego que realizará o propósito da nossa vida.

Não estou defendendo complacência ou resignação amargurada diante das nossas circunstâncias atuais. Estou defendendo aquilo que o apóstolo Paulo também incentivou: santidade com contentamento. Os dois juntos, declarou ele, formam uma "grande fonte de lucro" (1Tm 6.6). Muitas vezes, complacência e contentamento são confundidos, mas existe uma diferença entre os dois. O contentamento afirma: "Deus me colocou aqui por um motivo, e se ele jamais mudar qualquer coisa, eu mesmo assim o servirei e louvarei." A complacência diz: "As coisas nunca mudarão; por que, então, me dar ao trabalho de tentar?" Os complacentes são como a borra do vinho, como o restinho de café no fundo da xícara, como os ímpios que "dizem no seu coração: O SENHOR não faz bem, nem faz mal" (Sf 1.12). Nada é impossível para Deus, por isso, vá em frente e corra atrás de seus grandes planos e tente conseguir o emprego dos seus sonhos. Mas lembre-se de que, em quase todos os empregos, Deus pode ser louvado com seu trabalho enquanto você se alegrar nele ao fazê-lo.

Casamento

Parece que o casamento está se tornando mais difícil ou, pelo menos, se transformando em um compromisso mais difícil. Em 1965, a idade média no primeiro casamento era de 22,8 anos para os homens e de 20,6 anos para as mulheres. Em 2002, pouco mais de uma geração mais tarde, a idade média para o casamento subiu para 26,9 no caso dos homens e para 25,3 anos no caso das mulheres.[1] O atraso no casamento ocorre por numerosas razões: aumento na duração de vida, a busca de uma educação melhor, estilos de vida transitória entre os jovens, renda maior, um desejo de mais experiências antes do casamento e uma independência maior (e habitual).

Acrescente a isso as oportunidades de conhecer centenas de parceiros potenciais, o que leva a mais questionamentos e a uma indecisão maior.

No caso dos cristãos, existe outro fator que adia o casamento: a busca pela vontade de Deus no casamento. *Que decisão*, pensamos conosco mesmos, *é mais importante do que escolher um marido ou uma esposa? Certamente Deus quer (na verdade,* precisa) *me dizer quem é o cara certo para mim.*

Esse tipo de abordagem parece ser espiritual, mas a sabedoria nos aponta para uma direção diferente. Os quatro passos que aplicamos na busca do emprego também podem ser usados na busca do casamento (sabedoria é exatamente isso: não é tanto um mapa detalhado, e mais um modo de tomar decisões em muitas situações diferentes).

Primeiro passo: sonde as Escrituras. A Bíblia não lhe dirá com quem você deve casar, mas ela lhe diz algo sobre o casamento. O casamento deve ser entre um homem e uma mulher. Cristãos devem casar-se com cristãos (cf. Ml 2.11; 1Co 7.39). Não devemos estar sob um jugo desigual (2Co 6.14). Eu não aconselho que um cristão muito maduro se case com uma pessoa que se converteu ontem, tampouco recomendo que um protestante se case com um católico, nem que um evangélico se case com um cristão mais liberal. Esses casamentos podem funcionar às vezes, mas não são a regra. Você vai querer se colocar sob um jugo com alguém que esteja arando o campo na mesma direção que você.

Cristãos devem também ter cuidado quando pretendem se casar com uma pessoa divorciada. Se o divórcio não ocorreu numa base bíblica – p. ex., imoralidade sexual (Mt 19.9) ou abandono por um esposo não cristão (1Co 7.15) –, então Jesus diz que você está cometendo adultério, pois está se casando com uma pessoa que ainda deveria estar casada (Mt 5.31-32).

Segundo passo: busque conselhos sábios. Seus amigos acham que esse casamento faz sentido? Eles o veem crescendo e florescendo em sua companhia ou será que percebem que você fica frustrado e mal-humorado quando estão juntos? E o mais importante: o que dizem os seus pais? É verdade que, às vezes, os pais se opõem a casamentos pelas razões erradas. Mas, no nosso país, é provável que honremos os nossos pais menos do que deveríamos e que sejamos impacientes demais com eles. Fazemos pouco para incluí-los em nossa vida e para ouvi-los quando não se mostram entusiasmados com um namorado ou uma namorada.

Terceiro passo: *ore*. Peça motivos puros a Deus. Você não vai querer se casar por prazer carnal ou dinheiro, ou pelo medo de permanecer solteiro. Certamente não vai querer se casar para se vingar de uma ex-namorada ou para provar ao ex-namorado que você é uma mulher desejável. Peça a Deus que ele o ajude a ser sincero em relação a quem você é e que você possa conhecer a outra pessoa como ela realmente é. Peça ajuda a Deus para que você não tome uma decisão baseada em seus hormônios e para que você não se recuse a tomar uma decisão por covardia.

Por fim, ore menos para que Deus lhe mostre quem é o marido ou a esposa certa e ore mais para que *você* seja o tipo certo de marido ou esposa. Se todos orassem para ser o esposo certo, não importaria tanto quem é o esposo "certo". Rasgue sua lista com as 17 coisas que sua esposa precisa ter e faça uma lista com as 17 coisas que você precisa ser como marido.

Quarto passo: tome uma decisão. Sei que isso pode parecer exagerado, e seus pais podem não gostar do conselho, mas, rapazes, se você gostar de uma garota e ambos forem cristãos e se seus amigos e sua família não se desesperarem e ela realmente gostar de você, acho que vocês deveriam se casar. Quero acrescentar imediatamente que ser solteiro não é uma doença que precise ser curada. Deus pode guiá-lo para um período (ou uma vida) de ministério fértil como pessoa solteira. E se, às vezes, você se sentir frustrado com seu desejo de se casar, lembre-se de que esse tempo de solteiro também faz parte do bom plano de Deus. A igreja, por sua vez, precisa fazer um trabalho melhor, estendendo a mão para os solteiros, e deixar de tratá-los como pessoas desajustadas ou como pessoas que *ainda* não se casaram.

Por isso, quero ser claro: não há nada de errado em ser solteiro. Mas, rapazes, é errado ficar esperando que Deus retire uma costela sua e crie uma esposa para você. Ele fez isso para Adão, mas ele não fará o mesmo para você. E não importa com quem você se case, o que o espera é trabalho duro. Por isso, encontre alguém, case e trabalhe. Você pode ficar nervoso antes do dia do casamento – isso é normal. Mas não pense demais se não quiser o celibato vitalício.

Muitos jovens estão esperando por uma escrita no céu antes de assumirem um compromisso relacional. A coisa não precisa ser tão complicada. Meu avô DeYoung conheceu minha avó enquanto distribuía jornais. Depois, trabalharam juntos numa pista de boliche e começaram a conversar junto à

máquina de refrigerantes. Finalmente, meu avô a pediu em casamento, e eles se casaram em 1948. Quando lhe perguntei se ele sofreu com a decisão de se casar, ele pausou por um momento e disse: "Ah... não. Eu deveria ter sofrido?".

Cavalheiros, há garotas cristãs maravilhosas esperando que vocês ajam, bem, como homens. Parem de esperar pelo relâmpago romântico. Parem de esperar pelo enésimo sinal verde. Parem de "sair" todas as noites sem deixar claras as suas intenções. Peça para sair com uma garota, "corteje-a", ou qualquer que seja o termo apropriado. Mas faça alguma coisa. Se você quiser ser solteiro – maravilha. Jesus era solteiro. Ouvi que pode ser um empreendimento bem legal. Mas, se você quiser casar, faça alguma coisa. Aproveite as oportunidades. Corra o risco de ser rejeitado. Seja o líder relacional e espiritual que Deus quer que você seja.

Há sempre muitas exceções, mas, via de regra, os cristãos esperam demais para se casar. Existem muitos cristãos maravilhosos por aí que deveriam estar casados com um dos outros cristãos maravilhosos que existem por aí. Certa vez, Elisabeth Elliot disse num grande ministério de solteiros cristãos que ela desejava desesperadamente posicionar todos os homens numa parede e todas as mulheres na parede oposta, fazê-los contar (1, 1; 2, 2; 3, 3), juntar esses solteiros e casá-los.

Deixe-me repetir mais uma vez: não há nada de errado em ser solteiro. Pode ser um dom do Senhor e um dom para a igreja. Mas, quando existe uma abundância de cristãos solteiros que desejam casar, temos um problema. E é um problema pelo qual responsabilizo diretamente os homens jovens, cuja imaturidade, passividade e indecisão estão levando os níveis de seus hormônios aos limites do autocontrole, atrasando seu processo de crescimento e obrigando inúmeras mulheres a investir muito tempo e dinheiro numa carreira (o que não é necessariamente errado), quando, na verdade, elas preferiam estar casadas e ter filhos. Homens, se vocês quiserem se casar, encontrem uma garota santa, tratem-na corretamente, falem com seus pais, façam o pedido, respondam à pergunta e comecem a fazer bebês.

É ele, é ela?

Já que estou pisando nos calos de todo mundo, quero aproveitar para derrubar o mito "do único, da única". Sim, em sua providência secreta, Deus escolheu a pessoa perfeita para você. E, sim, uma vez que você encontrar o príncipe dos seus sonhos, você não desejará estar com qualquer outro cara. Ele será o único para você. Sei que dizer isso não é nada romântico (especialmente para os ouvidos de algumas damas), mas não acredite que existe apenas uma única pessoa em todo o planeta com a qual você pode ter um casamento feliz. Você não deve procurar aquela peça do quebra-cabeça que se encaixará perfeitamente com a sua. "Você me completa" pode parecer magicamente romântico, mas não é verdade. Sim, homens e mulheres foram feitos para dependerem e confiarem uns nos outros no casamento. No entanto, a fórmula bíblica para o casamento não é: meia pessoa + meia pessoa = quebra-cabeça completo de uma pessoa. A matemática de Gênesis diz: um + um = um (Gn 2.24).

Não estou dizendo que você não deveria "combinar" com seu esposo. E, é claro, uma vez que você se casou, ele ou ela será a única peça do quebra-cabeça para você. Mas, antes disso, não pense: *encontrei essa garota maravilhosa, mas se ela não for* aquela*? Se ela estiver na cidade de Boise e eu ainda não a conheci?* Não faça isso consigo mesmo. Não se preocupe em encontrar sua alma gêmea. E, principalmente, quando você já estiver casado e estiver enfrentando dificuldades, não diga ao seu pastor: "Vou pedir o divórcio; ele simplesmente não era *aquele*." O problema do mito do "único" é que ele supõe que é o afeto que preserva o casamento, quando, na verdade, é o seu compromisso com o casamento que protege o afeto. Portanto, livre-se do mito e case.

Alguns conselhos para homens e mulheres

O adiamento do casamento pode gerar uma série de problemas. Para começar, muitas vezes, estende a adolescência e a cultura da juventude que a acompanha. Em seu livro *Short Life of Jonathan Edwards*, George Marsden observa que, no que diz respeito a Edwards, "o maior desafio à piedade na igreja era uma cultura jovem bem desenvolvida, que se misturava à cultura das tavernas".[2] Uma das principais razões para a existência dessa cultura jovem, escreve Marsden, era o adiamento do casamento em Northampton. Já que não havia mais terra disponível na cidade de Edwards, havia poucos

lugares em que novos casais podiam fundar sua nova família. Em decorrência disso, novas famílias simplesmente não eram fundadas. A idade média dos noivos havia subido para 29 anos no caso dos homens e para 25 no caso das mulheres. Isso significava que os jovens, em vez de se casarem, se assentarem e terem uma família, tinham dificuldades de se estabelecer independentemente de seus pais e, em geral, tomavam decisões tolas e pecaminosas, como os jovens adultos acima de 20 anos tendem a fazer quando têm tempo livre demais e poucas responsabilidades. Isso pode acontecer também conosco.

Um dos outros problemas que resultam do adiamento do casamento é que isso complica as decisões referentes à carreira, especialmente para mulheres. Existem muitas mulheres cristãs excelentes seguindo carreiras que elas nem sabem se realmente desejam seguir, enquanto prefeririam estar casadas e criar uma família. Não estou dizendo que mulheres não podem trabalhar fora de casa, muito menos que elas não são capazes de fazer um trabalho excelente. Meu conflito é com os homens. Enquanto as mulheres jovens estão seguindo o caminho de sua carreira porque o casamento não parece ser um evento iminente, os homens jovens estão vagando pela vida, adiando o casamento, lutando contra o desejo (e, às vezes, a masturbação) e fazendo nada de especial na frente de trabalho. Quando falei sobre isso na minha igreja, várias mulheres me disseram depois: "Pregue sobre isso, pastor! Queremos que os homens façam algo. Que eles nos conquistem. Que eles saiam conosco. Queremos casar, mas eles precisam mostrar alguma iniciativa."

Enquanto isso, é muito fácil para as mulheres seguirem uma carreira e acumular dívidas enquanto são solteiras, e conseguir um diploma avançado pode parecer uma boa ideia. Mas então se casam aos 28 anos de idade e querem fundar uma família, só que, agora, ainda lhes falta um ano de residência, e elas acreditam que não podem parar e "desperdiçar" todo seu treinamento. Além disso, terão que trabalhar no mínimo cinco anos para pagar todas as suas dívidas acumuladas durante a escola. Por favor, não me entenda errado. Isso não é uma crítica às médicas, enfermeiras ou executivas. Estou dizendo apenas que suas vidas ficaram muito mais complicadas em decorrência do adiamento do casamento. Uma mulher jovem pode chegar a crer que ela não pode se casar antes de se formar e ter quitado suas dívidas.*

Às vezes, quando casais jovens com dívidas ou carreiras novas se casam, decisões sobre planejamento familiar e controle de natalidade – decisões difíceis sobre as quais os cristãos podem discordar – já parecem ter sido tomadas por eles. É difícil encontrar-se nessa situação. Sempre há decisões difíceis a serem tomadas e mares tempestuosos a serem navegados, mas suspeito que algumas histórias poderiam ter sido escritas de forma diferente se o amadurecimento tivesse ocorrido mais cedo e se os homens tivessem pensado seriamente em casamento aos 21 anos, e não só aos 31 anos de idade.

Sei que estou sendo duro com minha geração, especialmente com os homens. Não escrevo como melhor exemplo de coragem masculina ou de determinação na hora de tomar uma decisão. E não escrevo com a intenção de abalar seu espírito. Lembre-se: mesmo que tenhamos cometido erros – ou mesmo que estejamos no meio de um erro –, Deus adora ajudar os impotentes. Ele adora perdoar os quebrantados e dar segundas e terceiras chances àqueles que já cometeram dezenas de erros. O Espírito é mais forte do que nossa timidez e mais sábio do que a nossa tolice. Mas, em vez de "desistir e deixar que Deus cuide de tudo", precisamos fazer o esforço de crescer em nossa fé (2Pe 1.5ss).

O que posso fazer?

Como colega pastor, encorajo todos os pastores que estejam lendo este livro a pregar aos jovens em sua congregação que eles devem começar a agir como se 18 anos fossem 28 anos, não como se 38 anos fossem 18. Não mimem os jovens (nem a mim!) com baixas expectativas.

Em segundo lugar, encorajo os cristãos mais velhos a serem um bom exemplo de responsabilidade sólida e fiel; a serem um modelo de consistência e decisões arriscadas centradas em Cristo para a glória de Deus; e a serem sinceros conosco sobre quando vocês fracassaram e sobre as áreas em que vocês estão lutando na tentativa de serem os bons exemplos que pretendem estabelecer.

Encorajo as mulheres a pensarem nas ramificações de longo prazo de suas decisões quando tiverem 25 anos e estiverem solteiras, esperando chegar aos 35 casadas e com filhos.

Por fim, exorto os leitores homens deste livro a orar por sabedoria (Tg 1.5-6), a arrumar um emprego e casar. E a fazer isso mais cedo do que mais tarde. Fazer isso é bom para a sua santificação, é bom para a sua pureza, é bom para a igreja e é bom para alguma mulher santa lá fora disposta a ser sua esposa, apesar de, provavelmente, já ser uma mulher melhor do que você merece, como o era também a minha noiva.

---

* Dívidas de universitários são comuns nos Estados Unidos, onde praticamente não existem faculdades públicas e o ensino superior é caro. Esse tipo de endividamento não é tão comum no Brasil (N. do E.).

Décimo capítulo

O fim da questão

Tenho dois avôs ainda vivos – ambos são holandeses idosos com mentes aguçadas, vontades fortes e cabeças grisalhas. Peter DeYoung é o pai do meu pai. Eu já o mencionei algumas vezes. Menser Vanden Heuvel é o pai da minha mãe. Ele nasceu em 1918 numa pequena comunidade rural nas proximidades de Zeeland, no estado de Michigan.[1] Era um de nove filhos e, pelo que entendi, não gostava de ser visto como tolo. Quando menino, após ele e um amigo terem sofrido chacotas, meu avô Van disse ao amigo: "Se eles fizerem alguma coisa hoje à noite, eu vou dar uma surra no cara mais novo, e, quando ele estiver no chão, você o segura". Quando penso em meu avô Van agora, sei que ele se orgulha por eu ser pastor e me lembro dos seus sorrisos quando vê seus netos e bisnetos. Mas já o conheço o bastante para imaginar que, no passado, você não mexeria com o Menser.

O avô Van só foi à escola até o oitavo ano letivo, mas ele nunca parou de aprender e certamente nunca parou de trabalhar muito. Aos 12 anos de idade, no início da Grande Depressão, ele dividia seu tempo entre a fazenda e uma oficina mecânica na cidade, onde ele era pago com lenha (meu avô sempre teve uma queda pela mecânica e gostava de consertar coisas, um traço que ele passou mais para os meus primos do que para mim e meus irmãos). Aos 16 ou 17 anos de idade, ele e um colega entraram na fila para trabalhar na American Seating Company em Grand Rapids. Esperaram toda manhã e tarde, apenas para ouvir: "Sinto muito, mas não temos nada hoje." Voltaram no dia seguinte, voltaram no outro dia e no próximo dia. Por fim, o capataz disse: "Se esses dois querem trabalhar tanto, devemos contratá-los." Assim, conseguiram um emprego construindo móveis para igrejas durante a Grande Depressão pelo salário extravagante de 40 centavos por hora. "Éramos ricos", meu avô me contou.

Dentro de poucos anos, meu avô se tornara dono e gerente de vários postos de gasolina na cidade. Ele só tinha 20 ou 21 anos de idade na época – a idade em que a maioria dos garotos ainda se diverte com *video games*, em festas e tentando se encontrar. Ao conversar com meu avô sobre sua vida, perguntei se ele relutava com a vontade de Deus ou se ele se lembrava de ter esperado por um senso de orientação antes de tomar uma iniciativa tão grande na vida como jovem. "Não", ele respondeu, "senti que Deus estava esperando que eu me envolvesse". Pergunto-me quantos de nós são exatamente o oposto – esperando que Deus nos diga o que devemos fazer em vez de supor que ele esteja esperando que nós nos levantemos e obedeçamos.

O avô Van estava pensando especificamente sobre o Christian Endeavor (CE), o programa de jovens mais moderno dos seus dias. Meu avô se sentiu chamado para trabalhar com os jovens no CE. O único problema era que ele pertencia à Christian Reformed Church (CRC), e o CE era um programa da congregação local da Reformed Church in America (RCA). Para a maioria das pessoas de fora, as duas denominações são praticamente indistinguíveis, mas, se você já viveu no oeste de Michigan ou no noroeste do Iowa ou em qualquer outro reduto holandês, você sabe que a CRC e a RCA são irmãs separadas por uma história comum. São primas que nunca se beijaram e nunca saíram juntas. Então, quando meu pai contou aos presbíteros da CRC que ele pretendia trabalhar com o Christian Endeavor patrocinado pela RCA, eles deram uma surra nele (não duvido da palavra do meu avô). Nenhum garoto da CRC podia colaborar com a RCA. Apontaram dedos, leram para ele a Lei Antirrevolta e fizeram um trabalho maravilhoso de irritá-lo.

Então, meu avô ficou de pé e disse na cara deles: "E suponho que vocês tenham um cantinho especial no céu reservado exclusivamente para os Christian Reformed". E foi assim que meu avô se tornou membro da RCA. Ele me contou a história de como foi expulso da CRC mais vezes do que qualquer outra história de que lembro ter ouvido dele. E ele sempre a conta com um sorriso no canto da boca. Devo acrescentar que, após um afastamento de mais de 65 anos, ele voltou para a CRC e frequenta uma linda igreja que fica logo atrás de seu apartamento nos subúrbios.

Meu avô se casou em 1941 com uma maravilhosa mulher luterana chamada Mildred, do norte do Michigan, e, menos de um ano depois, ele foi

convocado pelo exército. Ele partiu para o Fort Custer, em Battle Creek. Lá foi examinado para ver em que ramo das forças armadas ele melhor se encaixava. Ele jamais havia visto uma escola de ensino médio por dentro, mas "a vontade de Deus me acompanhou durante aqueles exames e me colocou na Força Aérea, coisa que eu queria desde o início". Já que ele havia sido membro da Guarda Nacional durante três anos, meu avô foi encarregado pelo treinamento básico dos recrutas. Ele acabou sendo enviado para o Pacífico Sul, trabalhando em B-29s sob fogo cerrado dos japoneses.

Quando voltou para Michigan e para sua Mildred em 1945, ele foi para Grand Rapids para ser mecânico de aviões. Mas ele precisava de uma licença civil. Então, conseguiu entrar numa faculdade – uma proeza e tanto, visto que jamais havia frequentado o ensino médio –, eliminou algumas matérias e conquistou os créditos necessários. Vários anos depois, meu avô fundou sua própria empresa de carga aérea, que ele administrou durante mais de 20 anos, conseguindo financiar assim uma vida agradável. Durante esse tempo todo, criou três filhos e permaneceu muito ativo na igreja – servindo como professor de escola dominical para os jovens, convidando os jovens no tempo da colheita e até trabalhando com um ministério japonês mais tarde.

Dando crédito a quem o merece

Em algum momento da história, não sei bem quando, ele recebeu 20 acres próximo de Battle Creek em troca de um avião que ele havia consertado. Depois, adquiriu outros 20 acres e mais 20, até conseguir a terra para ser fazendeiro e entrar no comércio pecuário. Na medida em que acumulava terra, ele drenava os pântanos e vendia o solo. Todo aquele atascadeiro se transformou em um lago escavado por meu avô e sua fiel escavadeira.

Ele sempre fazia questão de arrumar um bom trabalho para mim quando eu o visitava durante as férias – retirar pedras da turfa, ajudar a plantar algumas árvores e observar aterrorizado enquanto meu avô matava uma tartaruga-víbora que ameaçava seus cisnes (acredito me lembrar de ter participado dos atos heroicos da matança de tartarugas, mas, segundo meu irmão e meu avô, minha contribuição se limitava a fugir sorrateiramente e chorar como uma garotinha).

Minha avó morreu em 1990 em decorrência de problemas cardíacos, e meu avô se casou novamente um ano depois.

Recentemente, perguntei ao meu avô: "Você acha que existe alguma coisa que as gerações mais novas de cristãos perderam, que a sua geração ainda entendia?".

"Ah, sim", ele respondeu em voz baixa.

"O quê, vovô?"

Ele pausou um momento. Quando abriu sua boca, ele não respondeu diretamente à pergunta, mas entendi a mensagem, e era boa. "Comecei com nada", ele afirmou. "Que direito tinha eu de esperar que todas essas coisas se encaixassem? Trabalhei muito, sim, mas sei que tudo isso veio de Deus."

Comparado com minha geração rica, preguiçosa, banal e brincalhona, meu avô certamente deveria ser considerado um homem notável, só que tantos de sua geração foram igualmente notáveis. Ele tinha seus defeitos, é claro, mas o avô Van, como a maioria da geração da Segunda Guerra Mundial, preferia fazer algo em vez de nada. Ele trabalhou muito, se arriscou, demonstrou iniciativa constante e, segundo suas próprias palavras, teve uma vida bastante realizada – tudo isso sem buscar desesperadamente a autorrealização. Ele orava, mas não espiritualizava exageradamente cada movimento. Ele teve vários empregos, mas jamais com a expectativa de conseguir algo melhor depois.

E o que era ainda mais importante: tendo sido criado durante a Depressão, ele esperava pouco da vida, por isso, quando recebia pouco, ele não se surpreendia, e, quando recebia muito, ele atribuía tudo à ação de Deus, não à sua própria. Ao conversar com meu avô, percebo que ele se esforçou muito em tudo, menos na tentativa de discernir alguma vontade de direção misteriosa e oculta de Deus. Não que ele não tivesse acreditado na providência de Deus. Nada disso. Mas a providência em que ele acreditava o ajudou a correr riscos, em vez de esperar. E agora que sua vida está chegando ao fim, ela lhe ajuda a reconhecer a mão abençoadora de Deus nas nove décadas que se passaram e a confiar ao Senhor o tempo que ainda lhe resta.

Essa é a vida do meu avô em Deus. E é assim que ela deveria ser para o cristão: ativa no presente, grata pelo passado e esperançosa em relação ao futuro.

Uma vida não vivida em vão

Eclesiastes parece ser um livro estranho, mas ele é mais relevante do que nunca. Muitos de nós estão correndo atrás do vento, buscando satisfação no trabalho, na família, no sucesso – coisas boas todas elas, mas, no fim das contas, coisas que não satisfazem. Já seria ruim se fôssemos apenas inquietos, vagando pela vida, e um pouco covardes. Mas nós espiritualizamos a covardia inquieta e errante, vendo-a como piedade e não como passividade. Não estamos apenas vivendo vidas de vaidade; muitas vezes, nossa paixão por Deus nada mais é do que a paixão por um Deus que nos dê sucesso em nossa busca pela vaidade.

Precisamos ouvir a conclusão de Eclesiastes: "Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (12.13). Se você for sentir ansiedade por uma coisa, sinta ansiedade pela observância dos mandamentos de Deus. Se formos temer alguma coisa – e todos nós tememos – temamos a Deus, não o futuro.

A vontade de Deus não é uma orientação especial aqui ou um pouco de conhecimento secreto acolá. Deus não nos coloca num labirinto, apaga as luzes e diz: "Tente sair daí. Boa sorte". Em certo sentido, confiamos na vontade de Deus como seu plano soberano para o nosso futuro. Em outro sentido, obedecemos à vontade de Deus como sua boa palavra para a nossa vida. Em sentido algum devemos correr cegamente por toda parte tentando encontrar a página certa em nosso romance pessoal em que escolhemos nossa própria aventura.

A vontade de Deus para a vida, para a sua e a minha, é mais simples, mais difícil e mais fácil do que isso. É mais simples, porque não há segredos que precisamos descobrir. É mais difícil, porque negar a nós mesmos, viver para outros e obedecer a Deus é mais difícil do que assumir um novo emprego e mudar-se para Fargo. É mais fácil, porque, como disse Agostinho, Deus ordena o que quer e concede o que ordena.

Em outras palavras: Deus dá aos seus filhos a vontade de andar em seus caminhos – não por meio da revelação de uma série de próximos passos imersos em sombras, mas dando-nos um coração que se deleita com sua lei.

O fim da questão, então, é esta: viva para Deus. Obedeça às Escrituras. Pense nos outros antes de pensar em si mesmo. Seja santo. Ame Jesus. E, ao

fazer todas essas coisas, faça o que você quiser, com quem você quiser, onde você quiser, e você estará andando na vontade de Deus.

Agradecimentos

Quando escrevi meu livro *Why We're Not Emergent** em coautoria com Ted Kluck, agradeci a todos que vivem sob o sol. Eu não sabia se algum outro livro meu seria publicado, por isso, considerei justo agradecer ao maior número de pessoas possível. Desta vez, serei mais sucinto, não porque devo agradecimentos a um número menor de pessoas, mas porque, de certa forma, já gastei minha munição na primeira vez.[1]

Mais uma vez, foi um prazer trabalhar com o pessoal da Moody Publishers. Obrigado por se entusiasmarem com a ideia de mais um livro sobre a vontade de Deus.

Andrew Wolgemuth tem sido uma grande ajuda e encorajamento neste projeto. Suas revisões e sugestões foram, invariavelmente, úteis. Meus colegas no ministério, Doug Phillips e Jason Helopoulos, leram um esboço inicial do manuscrito e ofereceram muito encorajamento e também várias sugestões úteis.

Falei sobre a vontade de Deus várias vezes em vários contextos eclesiásticos diferentes. Sou grato ao pessoal da FRCOC, SCF, URC e OPC por ouvirem com atenção (ou, pelo menos, fazerem de conta), levantarem perguntas perscrutadoras e me envolverem em boas conversas sobre o tema. Eu não teria pensado em escrever este livro sem as reações encorajadoras que recebi ao falar sobre este material.

Se eu não fosse calvinista, eu diria que eu sou um homem muito sortudo por estar numa igreja tão boa. Mas sei que é apenas pela graça e providência favorável de Deus que posso servir como pastor da University Reformed Church. Para citar apenas um exemplo: sou grato pelo tempo livre generoso que recebo todos os anos para ler e escrever.

Como sempre, minha esposa, Trisha, tem sido meu apoio constante, incentivando-me e garantindo meu espaço necessário. Ela é um deleite sorridente. Meus filhos – Ian, Jacob e Elizabeth – também merecem ter seus nomes mencionados num segundo livro.

Por fim, agradeço ao meu avô DeYoung e à sua nova esposa Jo Ann, ao meu avô Vanden Heuvel e à sua esposa Pauline por permitirem que eu os entrevistasse para este livro. Com alegria dedico este livro aos meus avôs, lembrando com gratidão também minhas avós falecidas, June DeYoung e Mildred Vanden Heuvel.

---

* Lançado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Por que não somos emergentes* (N. do E.).

Guia de estudos

Aqui estão oito sessões que lhe permitirão se aprofundar em Faça *alguma* coisa, escrito por Kevin DeYoung. O livro sucinto de Kevin oferece muitos conhecimentos práticos; este guia de estudos ajudará você a compreendê-los e a aplicá-los.

Cada sessão começa com uma passagem-chave de um capítulo ("Kevin diz"), seguida por uma ou duas passagens-chave das Escrituras. Depois, seguem várias perguntas para o estudo pessoal e algumas para o estudo em grupo. Evidentemente, os participantes de um grupo podem estudar também as perguntas de estudo pessoal – podem até usar algumas em sua discussão em grupo. E se você estiver fazendo um estudo pessoal, você também pode refletir sobre as perguntas destinadas ao grupo.

Não importa se você estiver fazendo um estudo pessoal ou em grupo, você descobrirá que esse guia é uma ferramenta maravilhosa para se aprofundar mais na busca pela vontade de Deus para a sua vida.

PRIMEIRA SESSÃO

Primeiro capítulo: o longo caminho para lugar algum

Segundo capítulo: a vontade de Deus em "cristianês"

Kevin diz

Brincar significa indecisão, contradição e instabilidade. Vemos crescer (de alguma forma) uma geração de jovens que brincam com doutrinas, que brincam com igrejas, que brincam com namoradas e namorados, que brincam com os estudos, que brincam de morar na garagem dos pais e que

brincam com práticas espirituais por mais irreconciliáveis ou divergentes que sejam.

Não somos consistentes. Não somos estáveis. Não perseveramos em nada. Não temos certeza se estamos tomando as decisões certas. Na maioria das vezes, nem conseguimos tomar uma decisão (páginas 11 e 12).

*****

A vontade do decreto de Deus – aquilo que ele predeterminou desde toda a eternidade – não pode ser impedida. A vontade do desejo de Deus – a forma como ele quer que vivamos – pode ser ignorada (página 17).

Passagens bíblicas

"(...) *eu sou Deus, e não há outro, eu sou Deus, e não há outro semelhante a mim; que desde o princípio anuncio o que há de acontecer e desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho permanecerá de pé, farei toda a minha vontade*" (Is 46.9-10; um exemplo da vontade do decreto de Deus).

"*Não ameis o mundo nem as coisas que há no mundo. Se alguém amar o mundo, o amor do Pai não está nele*" (1Jo 2.15; um exemplo da vontade do desejo de Deus).

Reflita

1. A vontade do decreto de Deus significa: "O que Deus deseja acontecerá". Nada pode impedi-lo de realizar a sua vontade. O que isso lhe diz sobre a natureza e as qualidades do Deus dos céus e da terra?
2. A vontade do desejo de Deus se refere àquilo que Deus deseja de suas criaturas. Em quais dos seguintes desejos você precisa se concentrar para estar dentro de sua boa vontade?

    - Louvar o nome de Deus (Sl 69.30-31)
    - Ser sexualmente puro (1Ts 4.3)
    - Regozijar sempre (1Ts 5.16)
    - Orar sem cessar (1Ts 5.17)
    - Dar graças em todas as circunstâncias (1Ts 5.18)
    - Viver pela fé (Hb 11.6)

- Fazer o bem (1Pe 2.15)

Discuta

1. Você acha que, normalmente, você é incapaz de tomar decisões? Por quê?
2. Ao começar a ler este livro, você acredita que Deus tenha um plano específico para sua vida? (Responda com sinceridade.) Por quê? Ou por que não?

SEGUNDA SESSÃO

Terceiro capítulo: direcionalmente desafiados

Kevin diz

Deus não quer que vivamos obcecados com o futuro, pois mostrar-nos o futuro não é como Deus opera. Sua maneira de agir é falar conosco por meio das Escrituras e nos transformar por meio da renovação da nossa mente. Seu modo de operação não é uma bola de cristal. Seu modo de operação é sabedoria. Devemos parar de pedir que Deus nos revele o futuro e remova todos os riscos da nossa vida. Devemos começar a olhar para Deus – para seu caráter e suas promessas – e assim adquirir a confiança para assumir riscos em seu nome (página 28).

Passagem bíblica

"Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos" (Rm 8.28-29).

Reflita

1. "Ter fé não garante que sua vida – ou a vida das pessoas em sua volta – será doce igual a um pirulito" (página 21). Por que é errado pensar que

a vontade de Deus levará à realização perfeita da nossa vida? Se não pudermos esperar a realização plena, o que podemos/devemos esperar?
2. Leia Ester 4, todo o relato do luto e da petição de Mordecai à rainha Ester, sua prima, em relação ao julgamento iminente contra seu povo. Sabendo que ela estaria arriscando sua vida se se apresentasse ao rei (v.16), Ester pediu uma ajuda especial de Mordecai. Como jejum e orações de outras pessoas podem nos ajudar a tomar uma decisão?
3. A decisão de Ester nos lembra de que fazer a coisa certa é arriscado. Por que Deus nos chama às vezes para assumir riscos quando o resultado é incerto?

Discuta

1. Por que você comprou este livro (ou participa deste estudo)? Discuta os pontos que se aplicam a você:
    - Quero aprender a agradar a Deus.
    - Sou tímido/cauteloso.
    - Quero a realização plena na vida.
    - Escolhas me deixam confuso.
    - Sou covarde.

2. Quais são as vantagens de ser cauteloso ao tomar uma decisão? Como alguém pode reconhecer quando está sendo exageradamente cauteloso ou até mesmo tímido? Discuta posturas e ações que possam ajudar as pessoas cautelosas a avançar em direção a uma decisão.

TERCEIRA SESSÃO

Quarto capítulo: nosso Deus "bola de cristal"

Kevin diz

A abordagem convencional à vontade de Deus – em que a vontade de Deus é (...) como uma bola de cristal em que alguma resposta genérica aparece numa névoa – não ajuda. Não é boa para o nosso processo de decisão. Não é boa para a nossa santificação. E, francamente, às vezes, desonra a Cristo (página 29).

Passagens bíblicas

"(...) o que o SENHOR *pede de ti: que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus"* (Mq 6.8).

"Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã (...) *Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como também faremos isto ou aquilo"* (Tg 4.13-15).

Reflita

1. Ao olharmos para um futuro incerto, deveríamos ser esperançosos e, ao mesmo tempo, humildes. Por que, segundo o autor, podemos ter essas posturas em relação ao nosso futuro (página 31)?
2. O que há de errado em dizer aos nossos amigos cristãos que tomamos uma decisão porque "Deus me instruiu a fazer isso" ou "É a vontade de Deus"?

Discuta

1. Alguma vez você já se irritou com Deus porque ele não lhe revelou seu plano? Alguma vez você já se frustrou porque Deus não revelou sua vontade de direção? Compartilhe com o grupo um momento em que você se sentiu assim. Você ainda se sente assim de vez em quando?
2. Tanto Haddon Robinson quanto Kevin DeYoung alertam contra a passividade dos cristãos quando enfrentamos decisões importantes. Nossa inatividade pode ser uma espera em Deus, mas, às vezes, não queremos decidir porque: 1) temos medo do que os outros dirão; 2) queremos o louvor dos outros; ou 3) não cremos na providência de Deus (veja as páginas 33 e 34). Com quais dessas alternativas você tem dificuldades? Com quais alternativas os outros em seu grupo têm dificuldades? Orem uns pelos outros sobre as áreas que os levam a ter medo de tomar uma decisão.

QUARTA SESSÃO

Quinto capítulo: uma maneira melhor?

Kevin diz

A decisão de permanecer na vontade de Deus (...) é a decisão diária que enfrentamos de buscar o reino de Deus ou o nosso, de nos submeter ao seu senhorio ou não, de viver de acordo com as suas regras ou as nossas. A pergunta que mais importa a Deus não é "onde devo morar?", mas "amo o Senhor de todo o meu coração, de toda a minha alma, de todas as minhas forças e de todo o meu entendimento; e amo o meu próximo como a mim mesmo?". É essa segunda pergunta que toca a essência da vontade de Deus para a sua vida (página 37).

Passagens bíblicas

"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? (...) *buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas"* (Mt 6.25-26,33).

"Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente" (Sl 16.11).

Reflita

1. Você ficou surpreso ao descobrir que a vontade abrangente de Deus para a sua vida é sua santidade? Por quê? Ou por que não?
2. Parte central da vontade de Deus para nós é que sempre regozijemos, oremos e demos graças (veja 1Ts 5.16-18). Qual dessas três ações é a mais difícil para você? Por que é difícil? O que você pode fazer para se regozijar mais, orar mais ou ser mais grato?

Discuta

1. Você concorda que ansiedade é uma questão fundamentalmente espiritual? Como você lida com sentimentos de preocupação ou ansiedade?

2. O autor diz que a conclusão da questão referente à vontade de Deus para nós é esta: "Em suma, a vontade de Deus é que você e eu sejamos felizes e santos em Jesus". Você concorda com essa conclusão? Caso contrário, o que você acha que falta?

QUINTA SESSÃO

Sexto capítulo: orientação ordinária e surpresas sobrenaturais

Kevin diz

Não temos um único registro no Novo Testamento de uma pessoa querendo ouvir que Deus lhe diga o que deve fazer. Paulo nunca pediu palavras especiais de conhecimento referentes ao seu futuro. Ele parece muito preocupado em conhecer e obedecer à vontade moral de Deus. Mas, quando ele chega a uma encruzilhada em seu caminho, a hesitação e o apelo a Deus para saber por onde seguir parecem ser algo completamente estranho ao apóstolo (página 44).

Passagem bíblica

"Havendo Deus, outrora, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, nestes últimos dias, nos falou pelo Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, pelo qual também fez o universo" (Hb 1.1-2).

Reflita

1. Kevin afirma que existe uma diferença grande entre Deus nos orientar quando tomamos uma decisão – coisa que ele faz – e entre Deus esperar que descubramos seu plano para nossa vida – coisa que ele não faz. Qual é a diferença entre Deus nos orientar em direção a uma decisão e a nossa expectativa de ele nos dar a resposta? Como isso deveria afetar a forma como você toma uma decisão... e sua postura perante Deus?
2. Como Deus usa o Filho, o Espírito e as Escrituras para nos orientar hoje, segundo as páginas 41-43?
3. Apesar de o apóstolo Paulo ter, por vezes, recebido visões (At 16.6-10; 22.17), a visita de um anjo (At 27.23) e dicas (At 20.22-23), em geral ele

tomava decisões desenvolvendo estratégias e refletindo. Semelhantemente, Deus normalmente opera através de meios ordinários, escreve Kevin. Por que, em sua opinião, Deus costuma usar métodos não dramáticos? Por que os cristãos gostam de receber uma revelação sobrenatural antes de passar para a ação, como desejou também Gideão (veja Jz 6.36-40)?

4. Deus "soberanamente dirige nossos assuntos em cada momento" e o faz "nos bastidores – nos mínimos detalhes" (página 41). Você acredita nessa declaração? Em caso positivo, que tipo de confiança isso lhe dá em relação a Deus e ao seu futuro?

Discuta

1. Você já teve uma visão, um sonho ou já ouviu uma voz que parecia lhe oferecer orientação ou conforto? Descreva para o grupo o que aconteceu e o que isso significou para você. Discutam as ressalvas que DeYoung menciona para quando formos usar esse tipo de revelações especiais como orientação (veja as páginas 43-45).
2. Aqueles que acreditam que certos dons da igreja primitiva cessaram (cessacionistas) e aqueles que acreditam que todos os dons espirituais continuam (carismáticos) concordam que uma área da orientação continua sendo o guia primário e seguro para conhecer a orientação de Deus para a nossa vida. Qual é esse guia? Por que ele é superior a todas as outras possíveis revelações?

SEXTA SESSÃO

Sétimo capítulo: ferramentas do ofício

Kevin diz

Portas abertas, lãs, versículos bíblicos aleatórios e impressões, se usados da maneira correta, têm seu lugar na vida cristã. Mas a minha experiência é que essas ferramentas têm causado mais prejuízos do que o bem. Elas são facilmente abusadas, manipuladas. E elas podem ser usadas como ferramentas da superstição (página 53).

Passagem bíblica

"Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus" (Mt 4.7).

Reflita

1. Quando podemos usar a abordagem da "porta aberta" ao tomar uma decisão, e quando isso não é sábio, segundo o autor?
2. Entre as quatro "ferramentas" mencionadas para tomar uma decisão – portas abertas, lãs, versículos bíblicos aleatórios e impressões – qual é a ferramenta mais vulnerável a uma interpretação equivocada?
3. Qual dessas quatro "ferramentas" usadas em momentos de decisão seria, na sua opinião, a mais útil? Por quê?
4. Impressões, intuições e pressentimentos podem ser úteis, pois podem vir do Senhor durante momentos de oração. Mas sentimentos subjetivos também podem estar errados. Quais diretrizes você pode usar para avaliar a ferramenta chamada "impressões"?

Discuta

1. A "notícia" no início deste capítulo pode ter parecido cômica – ou talvez ela lhe tenha parecido crível. Você já conheceu um cristão que tinha medo de tomar decisões que pudessem não ser segundo a vontade de Deus? Alguma vez você já ficou paralisado de medo de fazer a coisa errada ou esperou em vão que Deus lhe desse alguma confirmação? Forneça alguns detalhes ao grupo.
2. Dê um exemplo (pessoal ou de uma pessoa que você conhece) em que uma dessas ferramentas foi usada para tomar uma decisão. Qual foi o resultado? Baseando-se nesse exemplo, qual cuidado você sugeriria ao usar uma ferramenta para ajudar a discernir a vontade de Deus?

SÉTIMA SESSÃO

Oitavo capítulo: o caminho da sabedoria

Kevin diz

Precisamos de sabedoria para viver uma vida santa (...) Não há atalhos. Não recebemos mensagens secretas que nos dizem se devemos abandonar o estudo de entomologia. Deus quer que nós nos ofereçamos a ele, abandonemos os caminhos do mundo e sejamos transformados. Então teremos algo melhor do que revelações especiais e palavras sobre o futuro – teremos sabedoria (página 57).

Recebemos sabedoria lendo nossa Bíblia (guardando os mandamentos de Deus), aceitando bons conselhos (voltando nosso ouvido para a sabedoria) e orando a Deus (clamando por entendimento) (página 56).

Passagem bíblica

"Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus" (Rm 12.1-2).

Reflita

1. Provérbios 2.5-6 responde à pergunta: "O que é sabedoria?" O que é sabedoria, e como esse sentido bíblico se distingue do sentido que a maioria das pessoas atribui às palavras sabedoria e tolice? Releia a página 56 para responder à pergunta.
2. Três maneiras de obter sabedoria são ler a Bíblia, buscar conselhos bons e orar a Deus, nosso Pai. A prática regular de qual delas é a mais difícil para você? Por que você acha que isso é assim?

Discuta

1. Após analisar as manchetes durante uma tarde no site CNN.com, DeYoung conclui: "Temos um excesso de informações. Falta sabedoria." Qual é a diferença entre conhecimento e sabedoria?
2. Uma das três maneiras principais de obter sabedoria santa é a leitura da Bíblia (veja o ponto 2 em "Reflita" acima). As Escrituras nos dizem o que devemos e o que não devemos fazer. Mas, além disso, elas exigem uma transformação. Por que os cristãos parecem relutar com o

chamado para a transformação em Romanos 12.2 por meio da renovação de sua mente? O que os cristãos podem fazer para se tornar não conformistas bíblicos? Quais as promessas em Romanos 12.2 e Provérbios 2 que podem nos incentivar a buscar sabedoria e uma mente transformada?

OITAVA SESSÃO

Nono capítulo: trabalho, casamento e a vontade de Deus
Décimo capítulo: o fim da questão

Kevin diz

Que decisão, pensamos conosco mesmos, é mais importante do que escolher um marido ou uma esposa? Certamente Deus quer (na verdade, *precisa*) me dizer quem é o cara certo para mim.

Esse tipo de abordagem parece ser espiritual, mas a sabedoria nos aponta para uma direção diferente. Os quatro passos que aplicamos na busca do emprego também podem ser usados na busca do casamento (sabedoria é exatamente isso: não é tanto um mapa detalhado, e mais um modo de tomar decisões em muitas situações diferentes) (página 64).

*****

Se você for sentir ansiedade por uma coisa, sinta ansiedade pela observância dos mandamentos de Deus. Se formos temer alguma coisa – e todos nós tememos –, temamos a Deus, não o futuro (página 73).

Passagens bíblicas

"(...) quer comais, quer bebais ou façais outra coisa qualquer, fazei tudo para a glória de Deus" (1Co 10.31).

"De fato, grande fonte de lucro é a piedade com o contentamento" (1Tm 6.6).

Reflita

1. "Se formos temer alguma coisa", escreve DeYoung, que "temamos a Deus, não o futuro". Leia a instrução de temer a Deus em Eclesiastes 12.13. O que significa temer a Deus?

2. O autor encerra o livro dizendo que, se você viver para Deus, obedecer às Escrituras e amar Jesus, você pode fazer "o que você quiser, com quem você quiser" e você estará andando na vontade de Deus. A coisa é tão simples assim ou você acrescentaria algo a essa instrução?

Discuta

1. Você já procurou (ou está procurando) um emprego sem conseguir encontrar o emprego certo no início? Compartilhe com o grupo a sua experiência. Como isso edificou – ou desafiou – a sua fé? O que podemos fazer para permanecer em paz e sentir contentamento durante o processo de encontrar o emprego certo? Estude os seguintes versículos sobre contentamento ao formular a sua resposta: Mateus 6.25-30; Filipenses 4.11-12; 1Timóteo 6.6,8.
2. A decisão de se casar é central e faz parte de aprender como melhor glorificar a Deus; você pode honrá-lo tanto como pessoa solteira quanto como indivíduo casado. Se você é solteiro, quais dos quatro passos – sondar as Escrituras, buscar conselhos sábios, orar a Deus e tomar uma decisão – é o mais difícil para você? Por quê? Se você é casado, conte como foi fácil ou difícil a decisão de se casar (provavelmente, sua história encorajará os outros membros do grupo, inclusive seu marido ou sua esposa).

Notas

Primeiro capítulo

1 Robert Wuthnow. *After the Baby Boomers: How Twenty and Thirty Somethings Are Shaping the Future of American Religion* (Princeton, N.J.: Princeton Univ.Press, 2007).
2 Ibid., p. 11.
3 Christian Smith, "Get a Life: The Challenge of Emerging Adulthood", *Books & Culture*, novembro/dezembro de 2007, p. 10.

Segundo capítulo

1 *Ecumenical Creeds and Reformed Confessions* (Grand Rapids: Faith Alive Christian Resources, 1988), Pergunta e resposta 27.
2 Gerald Sittser, *The Will of God as a Way of Life: Finding and Following the Will of God* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 17.

Terceiro capítulo

1 Agradeço a Doug Phillips, um pastor batista em Lansing, Michigan, e amigo meu, por chamar minha atenção para este versículo e sua aplicação.
2 Bruce Waltke, *Finding the Will of God: A Pagan Notion?* (Grand Rapids: Eerdmans, 1995), p. 15.
3 Barry Schwartz, *The Paradox of Choice: Why More is Less* (Nova York: HarperCollins, 2005), p. 9–10.
4 Ibid., p. 141.

Quarto capítulo

1 Gerald Sittser, *The Will of God as a Way of Life* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 18-24, trata dos três primeiros problemas. Obviamente, fui eu quem recorri à sua sabedoria, e não vice-versa.
2 Caso você não conheça essa expressão, às vezes, as moças nas faculdades dizem que estão "namorando" Jesus como razão pela qual não podem sair com seus pretendentes.
3 Citado em Mark Chanski, *Manly Dominion* (Merrick, N.Y.: Calvary Press, 2004), p. 84.
4 John Eldredge, *Walking With God: Talk to Him. Hear From Him. Really.* (Nashville: Nelson, 2008).
5 Isso não é tudo que precisa ser dito sobre a lei e o cristão. Em certo sentido, não estamos sob a lei; em outro, porém, devemos obedecer aos seus princípios.

Quinto capítulo

1 Veja John Piper, *The Purifying Power of Living by Faith in Future Grace* (Sisters, Oreg.: Multnomah, 1998), p. 51–64.
2 Gerald Sittser, *The Will of God as a Way of Life* (Grand Rapids: Zondervan, 2000), p. 28.

Sexto capítulo

1 Minhas cinco afirmações se baseiam nas (e, por vezes, são idênticas às) afirmações oferecidas por Phillip D. Jensen e Tony Payne, *Guidance and the Voice of God* (Kingsford, NSW (Austrália: Matthias), 1997), p. 63–81.
2 Bruce Waltke, *Finding the Will of God: A Pagan Notion?* (Grand Rapids: Eerdmans, 2002), p. 18-19. Tim Challies diz o mesmo em seu belo livro *The Discipline of Spiritual Discernment* (Wheaton, Ill.: Crossway, 2007): "Após excluirmos tudo que Deus proibiu expressamente e após sondarmos a Bíblia e orarmos por sabedoria, somos livres em nossa escolha. Este parece ser o modelo que o Novo Testamento nos oferece. Não encontramos pessoas buscando desesperadamente a vontade de Deus por meio de sonhos ou visões (mesmo que, por vezes, Deus tenha considerado apropriado usar esse tipo de meios milagrosos), mas vemos pessoas tomando decisões baseadas naquilo que parecia ser bom, ou o melhor, ou necessário" (p. 116).
3 Ibid., p. 19.
4 Vern Sheridan Poythress, "Modern Spiritual Gifts as Analogous to Apostolic Gifts: Affirming Extraordinary Works of the Spirit Within Cessationist Theology", *Journal of the Evangelical Theological Society* 39, n. 1 (1996): p. 101.
5 Citado em Wayne Grudem, *Systematic Theology* (Grand Rapids: Zondervan, 1995), p. 1041.

Sétimo capítulo

1 A história falsa publicada em www.larknews.com pode ser encontrada impressa em Joel Kilpatrick, *A Field Guide to Evangelicals and Their Habitat* (São Francisco: HarperOne, 2006), p. 16.
2 Agradeço ao meu amigo Jason Helopoulos, um ótimo pastor jovem da Presbyterian Church of America na minha região, por me indicar essa ilustração do livro de Jonas.
3 Veja Juízes 6.36-40.
4 Citado em Mark Chanski, *Manly Dominion* (Merrick, NY: Calvary Press, 2004), p. 111.
5 "John Newton on Divine Guidance", em: *Guard Us, Guide Us: Divine Leading in Life's Decisions*, de J. I. Packer e Carolyn Nystrom (Grand Rapids: Baker, 2008), p. 244.
6 Ibid., p. 246.

Oitavo capítulo

1 Nesse mesmo teor, recomendo fortemente o livro de C. John Sommerville, *How the News Makes Us Dumb: The Death of Wisdom in an Information Society* (Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 1999).

Nono capítulo

1 Robert Wuthnow, *After the Baby Boomers* (Princeton, NJ: Princeton Univ.Press, 2007), p. 22.
2 George Marsden, *A Short Life of Jonathan Edwards* (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), p. 44.

Décimo capítulo

1 Agradeço ao meu avô por permitir que eu o entrevistasse e conhecesse mais de sua história. Sou muito grato também pela linda obra de história oral "The Life of (A vida de) Menser Vanden Heuvel", que foi transcrita e encadernada por minha tia Carol Vanden Heuvel Shaw.

Table of Contents

1. Sumário
2. Prefácio
3. 1. O longo caminho para lugar algum
4. 2. A vontade de Deus em “cristianês”
5. 3. Direcionalmente desafiados
6. 4. Nosso Deus “bola de cristal”
7. 5. Uma maneira melhor?
8. 6. Orientação ordinária e surpresas sobrenaturais
9. 7. Ferramentas do ofício
10. 8. O caminho da sabedoria
11. 9. Trabalho, casamento e a vontade de Deus
12. 10. O fim da questão
13. Agradecimentos
14. Guia de estudos
15. Notas